

OXIGÊNIO

ABRIL 2024

o

NÚMERO 56



QUASE CIRCO
DE CARMELA GROSS

EDITORIAL

A foto de capa de “*Quase Circo*”, de Carmela Gross, em cartaz no Sesc Pompeia, em São Paulo, exibe a força do notável trabalho da artista, sob as lentes do fotógrafo Filipe Berndt.

Com curadoria de Paulo Miyada, a mostra apresenta um conjunto de 13 obras, entre as quais algumas das grandes instalações de Carmela, em perfeito diálogo com o prédio que Lina Bo Bardi transformou para receber a cultura - e que é apontado como uma das 25 obras arquitetônicas mais significativas do pós-guerra, pelo jornal The New York Times.

A emblemática instalação *Roda Gigante* (2019) parece se projetar ao infinito, com seus 320 objetos atados por cordas, formando um emaranhado de possibilidades; as *Escadas Vermelhas* circundam o lago concebido por Lina Bo Bardi e brilham como nunca, num espetáculo impactante.

Quase Circo apresenta a produção da artista ao longo de quase seis décadas, compondo uma espécie de “constelação” de ideias, como aponta o curador. Segundo Miyada, “*é uma exposição de convergência*”: de um lado, a obra peculiar de Carmela Gross; e de outro, a arquitetura de Lina Bo Bardi, que incorporou em seu trabalho a arquitetura e o design populares do Brasil. Um excelente momento para viver a arte em múltiplas dimensões.

Boa leitura!

Capa: Exposição *Quase Circo* de Carmela Gross – Foto: Filipe Berndt

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradoras: Maurette Brandt e Vanda Klabin

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Aos Sábados*, de Adyr de Paula, estreia dia 5 no Teatro Fashion Mall, RJ | *Chego até a janela e não vejo o mundo* | Nova versão de “*O Auto da Compadecida*” reestreia dia 5 de abril, no Teatro Candido Mendes, em Ipanema, RJ

12

MATÉRIA DE CAPA: *Quase Circo*, de Carmela Gross

16

Anjos com Armas – Sergio Camargo, Lygia Clark, Mira Schendel e Hélio Oiticica

21

Danilo Ribeiro e Mariana Voigt Mascarenhas na Artur Fidalgo Galeria, RJ, a partir do dia 9

25

Transmutação, Alquimia e Resistência – Marcela Cantuária no Paço Imperial, RJ

29

Krajcberg & Zanine na Galeria Athena, RJ

33

Bienalsur 2025 – Convocação Aberta para Artistas e Curadores

34

Encontro de sensibilidades

42

Individual inédita de Santídio Pereira no MAM São Paulo

46

DIRETO DE LONDRES: Quando as formas ganham vida

52

Hackeando o Poder

57

Topografia da Memória, de Sallisa Rosa, viaja para a Pinacoteca de São Paulo

60

A realidade máxima das coisas

63

A natureza de cada um

65

O Mágico de N'Oz na Danielian Galeria, RJ

70

Pegadas da Gávea

76

Que País é Este? A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, 1964-1985



Da esquerda para a direita: Nedira Campos, Luiza Lewicki e Nina da Costa Reis

Foto: Divulgação

AOS SÁBADOS, de Adyr de Paula, estreia dia 5 no Teatro Fashion Mall, RJ

*Peça inspirada em fatos reais celebra o amor de uma família
que enfrenta o Alzheimer de maneira surpreendente*

Um dos textos vencedores do I Concurso de Dramaturgia Flávio Migliaccio em 2020, *"Aos sábados"*, de Adyr de Paula, volta aos palcos no dia 5 de abril no Teatro Fashion Mall, em São Conrado, Rio de Janeiro. O autor revela que se inspirou na história de sua mãe, uma mulher determi-

nada que criou quatro filhos trabalhando como costureira e aos 60 anos foi diagnosticada com Alzheimer. Segundo ele, a peça é uma obra de ficção baseada em alguns fatos reais. *"Foi um processo terapêutico, uma forma de celebrar o amor e fazer uma justa homenagem"*, afirma.

“Aos sábados” conta a história de Jandira e suas duas filhas, Regina e Malu, ao longo de três décadas. Dividido em três atos, o espetáculo mostra o amor entre as personagens que vivem as alegrias e as dores da relação familiar. Quando o Alzheimer acomete Jandira, os encontros divertidos que elas promovem todos os sábados passam a ter novos tons: exemplares em ternura, esperança e improvável otimismo, mãe e filhas enfrentam juntas a doença de maneira surpreendente.

O Alzheimer e sua marca na história familiar são tratados com leveza e sensibilidade. *“Essa é uma peça para fazer pensar e trazer reflexões sobre a nossa pequenez diante do tempo que passa tão rápido e leva embora as pessoas que amamos”*, explica o autor Adyr de Paula.

“Aos sábados” mostra que com amor e coragem as adversidades podem ser enfrentadas, e que o acolhimento é a melhor forma de suportar a ausência de consciência do parente que está doente. *“É uma história sobre a saudade que fica mesmo em vida, quando vemos a memória se esvaindo. Não é uma história apenas sobre a doença, mas sobre as riquezas de nosso cotidiano familiar que às vezes não damos*

valor e não prestamos atenção. Escolhi o nome “Aos sábados” porque era o dia da semana que visitava minha mãe; momentos insquecíveis que me proporcionaram lindas lembranças”, conclui Adyr de Paula.

Com direção de Danilo Salomão, a peça tem no elenco as atrizes Luiza Lewicki, Nedira Campos e Nina da Costa Reis, além das participações de Sophia Fried e Pedro Baião. O autor Adyr de Paula é diretor de uma escola de educação infantil; *“Aos Sábados”* é a sua primeira peça, escrita quando tinha 54 anos. O texto foi um dos vencedores do I Concurso Nacional de Dramaturgia Flávio Migliaccio, em 2020.

SERVIÇO

Aos sábados

Pré-estreia: 5 de abril às 20h

Temporada: De 6 a 28 de abril

Teatro Fashion Mall – sala 1

Estrada da Gávea, 899, São Conrado, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: sábados e domingos às 19h

Ingressos: R\$ 90 inteira / R\$ 45 meia-entrada

Ingresso a preço popular R\$ 35,00

Classificação: 12 anos | *Duração:* 1h35min | *Lotação:* 435

Vendas: <https://www.sympla.com.br/>



Da esquerda para a direita:
Nedira Campos,
Luiza Lewicki e
Nina da Costa Reis
Foto: Divulgação

CHEGO ATÉ A JANELA E NÃO VEJO O MUNDO



Foto: Giorgio D'Onofrio

Espectáculo leva ao palco o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira na prisão. Com direção e dramaturgia de Gabriela Mellão e João Wady Cury, permanece até dia 14 no Itaú Cultural, SP, em temporada gratuita



Fotos: Giorgio D'Onofrio



O encontro da psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) e do escritor Graciliano Ramos (1892-1953) na prisão em 1936, durante a Era Vargas, é tema da peça *“Chego até a janela e não vejo o mundo”*. Os dois alagoanos, que até então não se conheciam, iniciam uma amizade que extrapola o cárcere e seria levada até a morte do escritor, anos depois.

A obra parte da história real, o encontro entre esses dois personagens da história brasileira, e segue o caminho da ficção. *“Para contar essa história vivida por Nise e Graciliano, abordar o horror da perseguição política e a beleza da amizade nascida entre grades, ressaltamos a cumplicidade criada no claustro entre eles, sem abrir mão de uma narrativa onírica e poética de um lado, e também aterrorizante e delirante do outro”*, conta Gabriela Mellão.

Quando foram presos, os dois estavam em momentos diferentes da carreira. Graciliano já tinha publicado *“Caetés”* (1933) e *“São Bernardo”* (1934), além de ter sido prefeito de Palmeira dos Índios e diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual da Educação. Já Nise da Silveira trabalhava no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, após ter concluído uma especialização em psiquiatria.

A maneira com que Nise e Graciliano se relacionam evidencia o modo como eles viam a vida. São duas personalidades muito diferentes que compartilham o interesse pelas questões humanas e voltam suas atenções aos que estão à margem do sistema. A experiência da prisão, uma imersão neste universo, reafirma

o caminho escolhido por eles ao mesmo tempo em que ressalta a importância do afeto para o homem em circunstâncias adversas.

O encarceramento gerou impactos diferentes em cada um. *“Graciliano publicou livros logo ao sair da prisão, filiou-se ao Partido Comunista, foi candidato a deputado e relatou sua experiência em “Memórias do Cárcere”, publicado postumamente. Nise, ao contrário, passou oito anos escondida no interior da Bahia por medo de ser presa novamente. Só retomou a sua carreira em 1944, quando a perseguição política do Estado Novo foi amenizada”*, acrescenta o diretor e dramaturgo.

Nesse cenário, *“Chego até a janela e não vejo o mundo”* é um elogio à liberdade que busca retratar de uma maneira simbólica o horror da Era Vargas e da perseguição política. As pesquisas realizadas para o espetáculo apontam que nem o escritor, nem a psiquiatra foram torturados. No entanto, o simples fato de estarem em um ambiente violento foi suficiente para marcar definitivamente as vidas dos dois alagoanos – e o texto evoca isso.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Foi durante o isolamento social vivido por João Wady Cury e Gabriela Mellão na pandemia de Covid-19 que nasceu a peça. A estratégia adotada pela dupla para mergulhar o máximo possível na psiquê desses personagens envolveu uma constante troca de correspondências entre os dois dramaturgos, Mellão como Nise e Cury como Graciliano Ramos. A partir daí, começaram a elaborar a dramaturgia.

Simone Iliescu e Erom Cordeiro dão vida a essas figuras icônicas. Já o clima que transita entre o afetuoso e o aterrorizante é criado por meio da iluminação de Aline Santini, do cenário de Camila Schmidt e da trilha sonora original de Federico Puppi.

SOBRE O ENCONTRO

Nise e Graciliano estiveram presos praticamente no mesmo período, entre os anos de 1936 e 1937. Foram apresentados por um amigo comum, justamente por serem alagoanos, em uma situação curiosa narrada em *“Memórias do Cárcere”*, quando precisaram se encarapitar para se ver. A partir daquele momento, iniciou-se uma profícua amizade baseada na cumplicidade das grades. Nos poucos momentos em que puderam se encontrar, fosse nos banhos de sol ou mesmo na enfermaria da prisão, passaram a conversar sobre assuntos de interesse comum – é importante lembrar que homens e mulheres ficavam em alas separadas, apesar de muitas vezes contíguas. Graciliano e Nise, além de terem em comum o Estado de Alagoas, comungavam do interesse no ser humano.

SOBRE GRACILIANO RAMOS

Primogênito de 16 irmãos, Graciliano Ramos nasceu em 1892 em Quebrangulo (AL). Casou-se aos 23 anos com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta, que recebe o nome de sua mãe, falecida no parto. Em 1928, casa-se com Heloisa Leite de Medeiros, em 20 de março de 1953, com quem também tem quatro filhos.

Além de ser um romancista, contista e cronista notável, o autor de *“Vidas Secas”*, *“Memórias do Cárcere”*, entre outras obras-primas da literatura brasileira, foi jornalista, tradutor e teve uma série de cargos públicos, incluindo o de Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.

SOBRE NISE DA SILVEIRA

Nise da Silveira nasceu em 1905, em Maceió (AL). Entre 1921 e 1926, foi a única mulher dentre os 157 alunos da turma na Faculdade de Medicina na Bahia. Especializando-se em Psiquiatria, lutou contra as formas agressivas de tratamento existentes na época, como internação, eletrochoques e lobotomia.

Nise revolucionou o tratamento psiquiátrico no Brasil com a inserção da arte na vida dos internos em manicomios. Em 1952, funda o Museu de Imagens do Inconsciente, um Centro de Estudo e de Pesquisa, ainda em atividade, que reúne as obras de atividades produzidas nos ateliês. Parte do trabalho é exibido no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, em 1957, a convite de C.G. Jung.

O interesse do fundador da psicologia analítica e da psiquiatria brasileira pela expressividade do inconsciente em pinturas e desenhos sob a forma de mandalas aproxima-os. Além de se corresponderem, Nise viaja algumas vezes à Suíça para visitar e estudar no Instituto C.G. Jung em Zurique. Em 1955 ela forma o Grupo de Estudos C.G. Jung no Brasil.

SERVIÇO

Chego Até a Janela e Não Vejo o Mundo

Até 14 de abril

Sala Itaú Cultural – Piso Térreo

Avenida Paulista, 149, São Paulo / SP

Dias/Horários: de quinta-feira a sábado, às 20h, domingos e feriados, às 19h

Duração: 70 min aproximadamente | *Capacidade:* 224 lugares

Classificação Indicativa: 16 anos

Entrada gratuita

Reservas de ingressos pela plataforma INTI – acesso pelo site do Itaú Cultural: www.itaucultural.org.br



Nova versão de “O Auto da Compadecida”
reestreia dia 5 de abril, no Teatro Candido Mendes,
em Ipanema, RJ

*Com direção de Claudia Ventura e Alexandre Nunes,
peça é a primeira produção não-musical do curso “Prática de Montagem”
da escola do In Cena Casa de Artes e Produções.
Apesar de fiel ao texto de Ariano Suassuna, o espetáculo apresenta uma versão
contemporânea deste clássico da dramaturgia brasileira,
onde uma trupe de circo recria um retrato abstrato da região nordestina*

A *In Cena Casa de Artes e Produções* leva de volta aos palcos, a partir de 5 de abril, o espetáculo *“O Auto da Compadecida”*, famoso texto de Ariano Suassuna (1927-2014), que já ganhou diversas montagens no teatro, cinema e TV. Com direção da dupla Claudia Ventura e Alexandre Dantas, a peça, que estreou em novembro do ano passado, apresenta uma versão contemporânea deste clássico da dramaturgia brasileira, escrito em 1955. Primeira produção não-musical do curso *“Prática de Montagem”* da escola, o espetáculo terá uma curtíssima temporada, com sessões às sextas-feiras de abril, às 20h, no Teatro Candido Mendes, em Ipanema.

Em *“O Auto da Compadecida”* somos transportados para o sertão nordestino, com uma trupe de circo que

recria um retrato abstrato da região. Através das incríveis aventuras e confusões dos conhecidos e amados personagens João Grilo, o típico anti-herói brasileiro, e Chicó, seu fiel escudeiro, a peça aborda temas como a religiosidade popular, corrupção e desigualdade social, sempre com um tom de humor, ironia e irreverência característicos da obra de Suassuna.

Apesar de fiel ao texto, esta não é uma montagem com elementos caricaturais do Nordeste, onde a história se passa. Para narrar as trapaças e artimanhas dos protagonistas, os diretores optaram por uma encenação focada no ator e na palavra, isto é, criada a partir da relação do elenco com a obra. *“O grande diferencial nesta montagem é a inspiração nas origens do circo-teatro. O elenco é uma trupe, um grupo de contadores,*



que chega ali para se divertir e contar essa história, sem cair no óbvio. Quisemos trazer uma encenação diferente, que toque e fique nas pessoas”, diz Claudia.

A ausência do sotaque foi uma das escolhas da direção, assim como o cenário e o figurino, que foram trabalhados sem muitos elementos que remetessem diretamente e/ou sublinhassem as características regionais. *“O Ariano é tão genial que a estrutura das frases já evoca esse espaço físico nordestino. Por isso, não precisa ter o sotaque, o padre com a batina. Apenas evocamos esses elementos”,* explica Claudia. Segundo ela, a ideia é induzir que cada pessoa na plateia imagine o seu próprio cenário através da palavra, da manipulação dos objetos e do jogo de cena corporal. *“A imagem do que está sendo construído em cena só termina na cabeça de quem está assistindo”,* conclui.

Outra preocupação dos diretores foi tentar manter a originalidade do texto de Suassuna, mas suprimindo aspectos datados, que não cabem mais ser replicados. *“Estamos falando de um texto de 1955 e isso nos fez deparar com falas machistas, de um discurso patriarcal que está desatualizado. Nesses casos, optamos por suprimir algumas falas, mas sem perder a piada, claro”,* explica Alexandre. O mesmo foi pensado para as cenas de violência, mas, dessa vez, o artifício foi se apoiar no humor. *“Outro ponto que nos deparamos foi com a quantidade de mortes. Resolvemos, então, ir na direção do humor, pra palhaçaria e teatralidade, buscando suavizar essa violência presente na trama”,* diz.

A montagem conta com 21 atores, entre profissionais e iniciantes, que fazem parte do curso de “Prática de Montagem” da In Cena. Nele, os alunos aprendem todas as etapas de produção de um espetáculo até sua estreia oficial no teatro. Divididos em comissões, cada grupo se responsabiliza por uma área (figurino, cenário, divulgação, produção, entre outros), o que faz com que

saíam da formação com uma visão geral do que é fazer teatro para além da atuação.

Esta é a sexta Prática de Montagem que a In Cena apresentou em menos de três anos de funcionamento. Além de *“O Auto da Compadecida”*, a escola montou *“Fame”*, *“Annie – o musical”*, *“Legalmente Loira”*, *“Escola do Rock”* e *“Nas Alturas”*, além da produção original *“Poema”*, a primeira profissional da escola, vencedora na categoria “Roteiro Original” do prêmio Musical.Rio. Já *“Escola do Rock”* recebeu seis indicações ao prêmio, levando três deles: Melhor Ator com Pedro Balu; Melhor Atriz Revelação com Malu Coimbra; e Melhor Prática de Montagem.

SERVIÇO

O Auto da Compadecida

Temporada: 5 a 26 de abril

Teatro Candido Mendes

Rua Joana Angélica, 63, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3149-9018

Dias/Horários:

sextas-feiras, às 20h

Ingressos: R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia-entrada)

Duração: 2h

Classificação etária: 12 anos

Capacidade: 103 pessoas

Venda de ingressos:

<https://bileto.sympla.com.br/event/91676/d/243623>



CARMELA GROSS

em toda dimensão e volume

“Quase Circo” reúne, no Sesc Pompeia, SP, uma das mais expressivas amostras do trabalho maiúsculo da artista paulistana; exposição pode ser visitada até 27/8

Maurette Brandt

Carmela Gross, *Estandarte Vermelho*

Foto: Filipe Berndt



Basta olhar para o *Estandarte Vermelho* e lá está ele, inconfundível: é Zé Celso Martinez Corrêa de braços abertos, em ângulo de luta, o corpo alongado na memória, o olhar inesquecível que nos atravessa e nos convida a mudar o mundo.

A obra é de 1999 e tem absolutamente tudo a ver com *Quase Circo*, a mais nova oportunidade para conhecer ou revisitar o trabalho de Carmela Gross. Num espaço imenso como a área de convivência do Sesc Pompeia, obras de todas as dimensões podem se estender, se alongar, apropriar-se da área inteira e até mesmo dos espaços suspensos do lado de fora.

De cara, a inédita *Gato ilumina*, com quatro cores grafadas em italiano, as passarelas do prédio que Lina Bo Bardi transformou para receber a cultura. Um desenho da arquiteta, descoberto pelo curador Paulo Miyada, possuía anotações sobre o papel das cores naquele espaço específico. A artista, imediatamente, sentiu que simplesmente tinha que recriar a ideia.

Lá dentro, tudo se encaixa com largueza, ampliando estética e intenções. *Roda Gigante* parece crescer e se projetar ao infinito, com seus objetos cotidianos, muitos dos quais já sem uso, atados por cordas que, presas à estrutura, formam uma teia de possibilidades. Além de obras confeccionadas com luzes, como *Uma Casa* e *O Fotógrafo*, as majestosas *Escadas* da artista são, agora, *Escadas Vermelhas* e circundam o lago criado por Lina Bo Bardi. Tudo tingido de um vermelho intenso, criado pela iluminação – e também pela presença da *Negra*, que agora se torna vermelha (a origi-



Carmela Gross, *Gato*

Foto: Eventon Ballardin

nal, de 1997, era coberta de tule preto) e compõe, com as escadas, uma cena no mínimo impactante.

Em *O Bando*, duas paredes de madeira vermelha parecem demarcar o território povoado por dezenas de silhuetas de animais, desenhadas em grafite sobre tons



Carmela Gross, *Roda Gigante*

Foto: Filipe Berndt

esverdeados. Ao circular entre as paredes, o público tem a sensação de estar na companhia dos animais, que parecem seguir sua jornada.

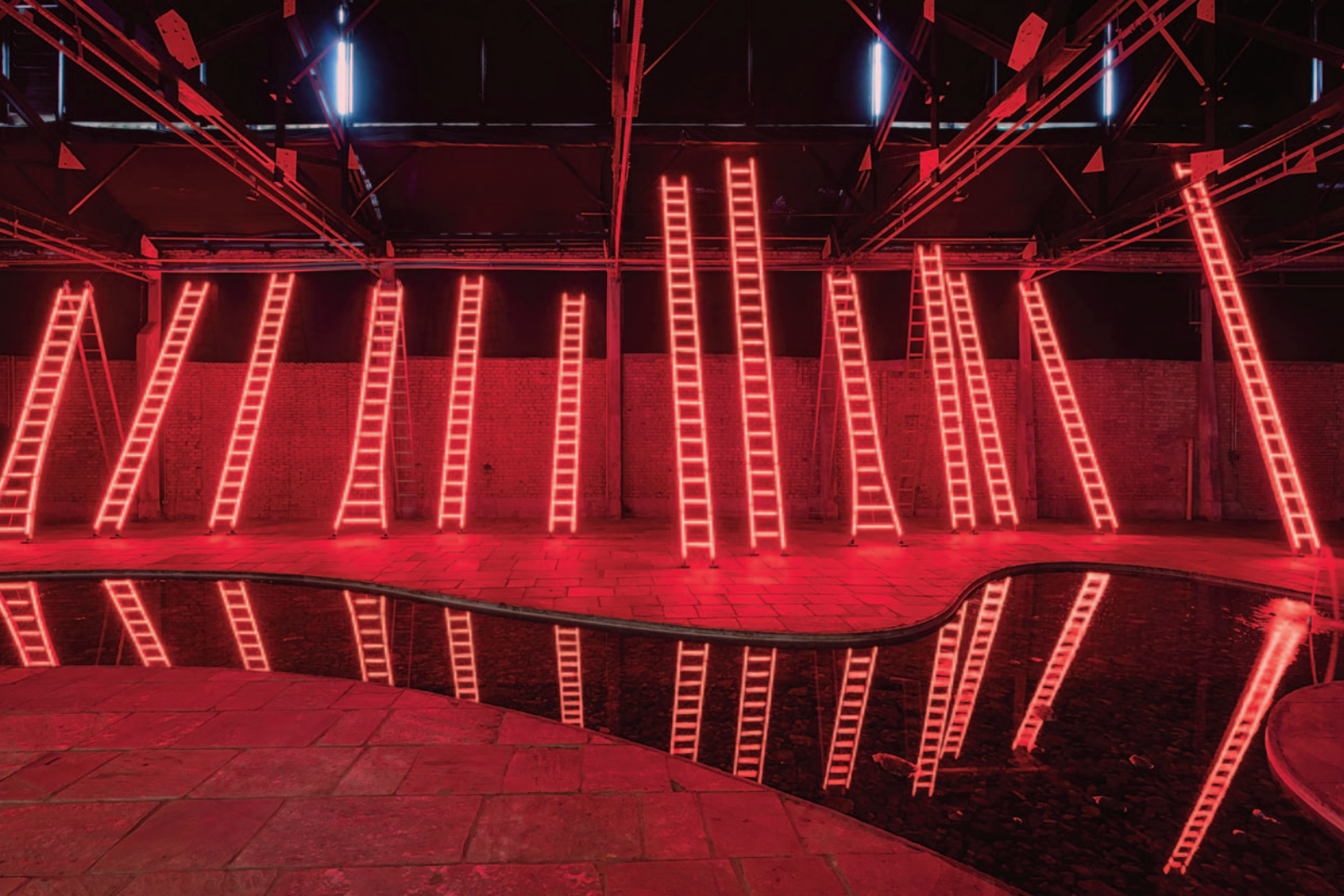
Pelo chão da entrada corre o *Rio Madeira*, com sua correnteza verde e vermelha, encenada por pedaços de madeira dispostos em várias direções.

A poética cortante de Carmela Gross nos confronta com a dureza do cotidiano, ao mesmo tempo que espalha delicadeza. O vídeo *Luz del Fuego*, que reúne visões de conflitos espalhados pelo mundo, nos conecta a reali-

dades difíceis, porém passíveis de ocorrer em qualquer lugar – o que, de modo algum, nos alivia ou anestesia. Aliás, muito pelo contrário.

Integram também a mostra *Figurantes* (2016), *Rouge* (2018) e *Bandeira-pivô* (2024).

Ver o trabalho de Carmela Gross pela primeira vez é um sobressalto, um *des-lugar*, e ao mesmo tempo um encantamento profundo. A delicadeza está em cada obra, ainda que às vezes não se revele logo de cara. Agora, rever, em espaço monumental, tantos trabalhos re-



Carmela Gross, *Escadas*

Foto: Filipe Berndt

unidos é repetir a dose de emoção – mas sem conter o susto, já que ele faz parte do sentimento da arte de uma criadora tão fundamental.

SERVIÇO

"Quase Circo – Carmela Gross"

Até 25 de agosto

Sesc Pompeia – Área de Convivência

Rua Clélia, 93, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 21h

domingos e feriados, das 10h às 18h

Grátis | Livre

A exposição oferece recursos de acessibilidade como fones de ouvido, três obras táteis e conteúdo disponível no aplicativo *musea* (plataforma para exposições com áudios, textos e vídeos).



Carmela Gross, *Quase Circo*

Foto: Filipe Berndt

ANJOS

anjoscom**armas**

SERGIO CAMARGO • LYGIA CLARK • MIRA SCHENDEL • HÉLIO OITICICA

UBWA 2

Quatro nomes fundamentais da arte brasileira estão nesta exposição com aproximadamente 50 obras. A mostra presta tributo à lendária galeria londrina Signals (1964-1966) – que teve um papel decisivo na divulgação internacional da arte brasileira – e a um de seus criadores, o crítico e curador britânico Guy Brett (1942-2021), um entusiasta de nossa produção artística

Na Pinakothek Cultural no Rio de Janeiro, “Anjos com armas”, exposição que reúne aproximadamente 50 obras dos artistas Sergio Camargo (1930-1990), Lygia Clark (1920-1988), Mira Schendel (1919-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980). A curadoria é de Max Perlingeiro, diretor da Pinakothek Cultural, com a colaboração do artista Luciano Figueiredo.

A mostra é um tributo ao crítico e curador britânico Guy Brett (1942-2021), que desempenhou papel decisivo na internacionalização da arte brasileira, ao criar, junto com o artista filipino David Medalla (1942-2020), e outros amigos, a lendária galeria *Signals*, que de 1964 a 1966 exibiu a arte dos quatro artistas brasileiros celebrados nesta exposição. Dentre as obras que compõem a mostra, estão “*Bicho-Contrário II*” (1961), “*Espaço Modulado nº 4*” (1958) e “*Espaço modulado nº 8*” (1959), de Lygia Clark, e “*Relief*” (1964), de Sergio Camargo, trabalhos que estiveram originalmente na *Signals*. Em uma das paredes do espaço, está disponível uma linha do tempo da *Signals*, com fotos.

CONTRACULTURA EM LONDRES E AMOR PELA ARTE BRASILEIRA

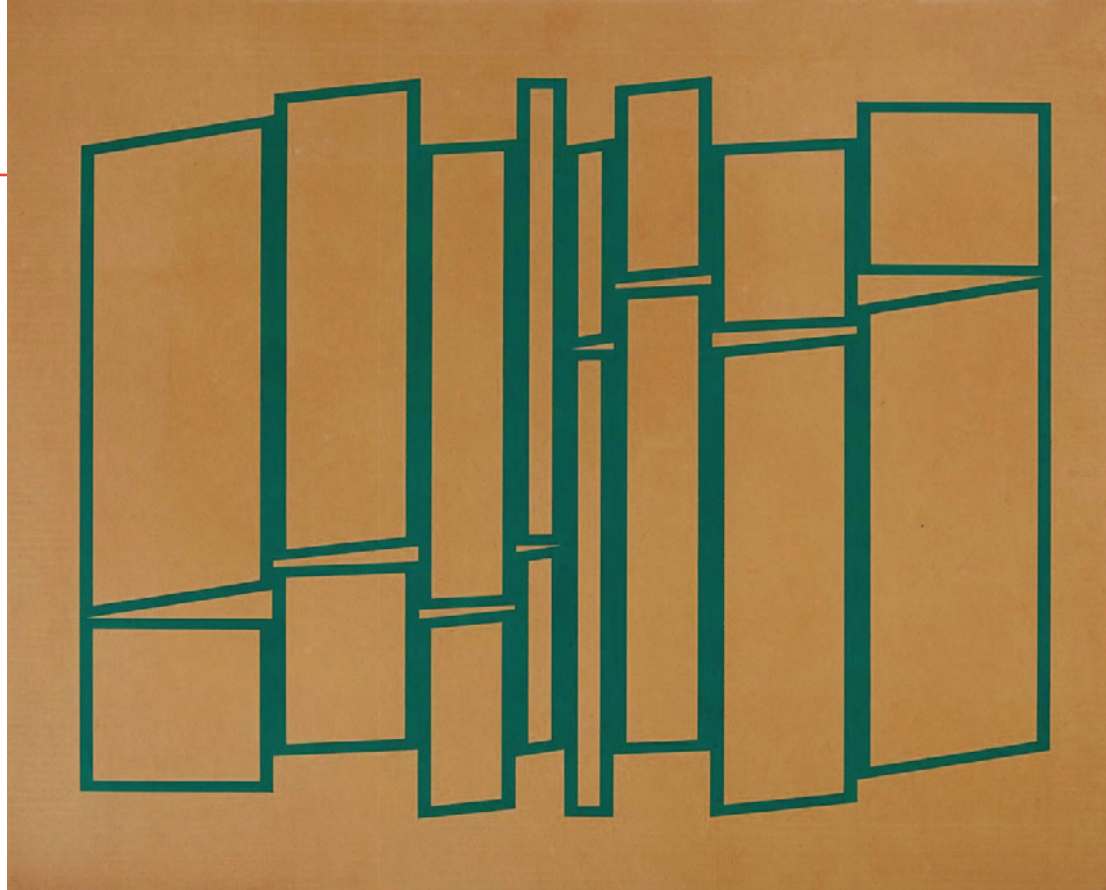
“Para a *Signals*, contracultura era tudo que saía do *mainstream*”, afirma Max Perlingeiro. Ele também



Lygia Clark, *Bicho-Contrário II*, 1961 Foto: Vicente de Mello

ressalta que “*não tinha na época nada mais fora do pensamento dominante do que a arte latino-americana na Inglaterra dos anos 1960*”.

Até o fim de sua vida, Guy Brett foi próximo dos artistas brasileiros. “*Guy Brett sempre foi a grande referência para uma melhor compreensão da produção artística no Brasil a partir dos anos 1960. Sua amizade com artistas como Sergio Camargo, Hélio Oiticica, Lygia Clark e*



Hélio Oiticica,
*Voo alto pra cima
pra dentro e pra
fora* (da série
Metaesquema),
1958

Foto: Jaime Acioli

Mira Schendel, na década de 1960, e, mais tarde, com Lygia Pape, Cildo Meireles, Antonio Manuel, Tunga, Waltercio Caldas, Regina Vater, Roberto Evangelista, Maria Thereza Alves, Jac Leirner, Ricardo Basbaum e Sonia Lins, propiciou a divulgação da produção artística brasileira através de diversos artigos e livros”, destaca o curador.

Perlingeiro conclui afirmando que o livro *“Brasil experimental-arte/vida: proposições e paradoxos”* (editora Contracapa, 2005), com textos de Guy Brett sobre esses quinze artistas citados acima, com organização e prefácio de Katia Maciel, e tradução de Renato Rezende, é “leitura obrigatória”.

DESTAQUES DA EXPOSIÇÃO

Os *Bichos*, de Lygia Clark, em alumínio: *Bicho caranguejo* (1960) e *Bicho-contrário II* (1961); o con-

junto de sete *“Metaesquemas”* de Hélio Oiticica, de 1957 a 1959; o conjunto de seis *“Relevos”* de Sergio Caramo, entre eles o *“Relevo nº 172”* (*Fenditura spazio orizzontale lungo*), de 1967; os seis trabalhos da série *“Monotipias”* dos anos 1960 de Mira Schendel, além de seu *“Caderno de artista”* (1966), o *“Diário de Londres”*, em que a artista usa, *“ao que parece, pela primeira vez, as letras decalcadas (letraset)”*, segundo afirmação de Taisa Palhares, no catálogo da exposição *“O espaço infindável de Mira Schendel”* (2015), na Galeria Frente.

Dois volumes compõem a publicação *“Anjos com Armas”*, envolvidos por uma *“luva”* – bilíngue (port/ing): o primeiro, com 132 páginas, traz na íntegra o texto de Yve-Alain Bois (quando o filósofo enviou o texto para a tradução em português, ele instigou a



Sergio Camargo, *Relevo nº 172 (Fenditura spazio orizzontale lungo)*, 1967

Foto: Ding Musa

Pinakothek e a montar uma exposição com base no ensaio, que trata-se de um texto muito amoroso sobre a importância da Signals e a amizade). O volume 2, com 128 páginas, contém as imagens das obras da exposição, e fotografias de época, como as que mostram

a Signals. Os textos são de Guy Brett sobre os artistas Sergio Camargo, Lygia Clark, Mira Schendel e Hélio Oiticica, apresentação de Max Perlingeiro, e ainda um texto de Luciano Figueiredo, que em 2017 organizou, com Paulo Venâncio Filho, no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, a exposição *“Guy Brett: a proximidade crítica”*, em *“reconhecimento ao longo interesse intelectual e afetivo do crítico por nossos artistas”*, assinala Max Perlingeiro.

ANJOS COM ARMAS – O TÍTULO

O título do ensaio de Yve-Alain Bois, que dá nome à exposição – *“Anjos com Armas”* – é tema de uma longa reflexão do pensador, crítico, historiador e filósofo da arte, que prestigiou a abertura da exposição. Em seis páginas do livro, ele inicia o capítulo afirmando: *“Talvez o texto que, para mim, melhor sintetiza o tom inimitável de Guy Brett, que é também o que eu chamaria de seu método, é sua reflexão sobre as recorrentes imagens de anjos na arte latino-americana pós-conquista, em especial a profundamente perturbadora e ambígua imagem do anjo com uma arma. Bastante apropriado, portanto, que ele se perguntasse o que o atrai uma enigmática figura do anjo com uma arma (‘tanto oficial e coercivo quanto não oficial e subversivo’) e ponderasse sobre sua popularidade nos Andes ao longo do século XVIII!”*.

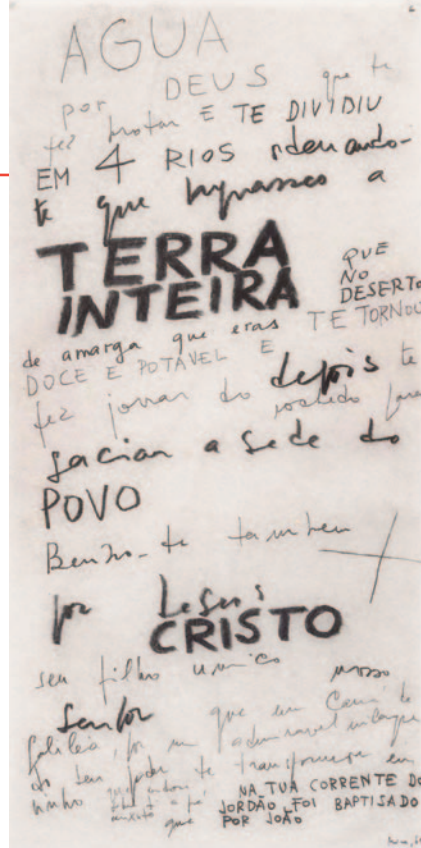
Yve-Alain Bois destaca que *“Brett menciona sua relutância em ‘impor sua visão’, seu anseio pelo ‘apagamento de si’: ‘Sempre desejei me posicionar como um observador de mente aberta, um pouco como os aven-*

tureiros ingênuos de romances picarescos que se deparam com diferentes situações ao longo do caminho e reagem a elas como podem ou como querem'. Contudo (...) seu olhar picaresco não se deixa seduzir pelo exotismo". (...) Paradoxos e ambiguidade são a 'obsessão pessoal' de Brett — a luta dialética de opostos e sua colusão/colisão num único objeto é o leitmotiv desses ensaios".

"Não é por acaso", segue Yve-Alain Bois, "que este livro se inicia com ensaios sobre Hélio Oiticica, Lygia Clark e David Medalla, artistas a quem Brett foi o primeiro a apoiar na Europa e aos quais ele sempre faz referência. O que esses três artistas têm em comum é uma recusa a se fossilizar a qualquer custo (daí seu constante recurso ao efêmero como um ataque camicase às instituições) e um profundo desejo de questionar a identidade estável do autor".

"Brett conclui 'Being Drawn to na Image' invocando o cineasta brasileiro Glauber Rocha a respeito do potencial revolucionário do sonho ('o sonho é o único direito que não se pode proibir'). Bakhtin (filósofo russo; 1895-1975) concordava com essa ideia, embora ele provavelmente não tivesse usado a palavra 'evolucionário'".

"Sonhos são carnavalescos, irreverentes — eles acolhem contradições, eles invertem ou colapsam o alto e o baixo, assim como todos os opostos hierárquicos; por natureza, pervertem qualquer discurso monológico, lançam dúvidas sobre todas as afirmações. Guy Brett nos conta que certas 'imagens dialéticas' podem desempenhar a mesma função — isto é, desde que al-



Mira Schendel,
Sem título
(da série
Monotipias),
1965

Foto:
Sergio Guerini

guém seja curioso ou paciente o bastante para interrogá-las. Pensando no anjo com uma arma, gostaria de terminar com outra invocação de sonhos — a definição de ambiguidade de (Walter) Benjamin em seu ensaio de 1935, 'Paris, capital do século XIX': 'A ambiguidade é a imagem pictórica da dialética, a lei da dialética vista em paralisação. Essa paralisação é utopia, e a imagem dialética, portanto, uma imagem onírica'".

SERVIÇO

Anjos com armas – Sergio Camargo, Lygia Clark, Mira Schendel e Hélio Oiticica

Até 11 de maio

Pinakothke Cultural – Rio de Janeiro

Rua São Clemente 300, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2537-7566

E-mail: contato@pinakothke.com.br

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, sábados das 10h às 17h

Entrada gratuita

DANILO RIBEIRO e MARIANA VOIGT MASCARENHAS

na Artur Fidaldo Galeria, RJ, a partir do dia 9

Paisagens cariocas e atributos urbanos em enquadramentos fragmentados exibem a reflexão pictórica e a sedução por elementos do cotidiano de Danilo Ribeiro; colagens em linguagem singular que têm a representação de uma cabeça geométrica como uma das figuras centrais, constituem o imaginário original de Mariana Mascarenhas

Por Vanda Klabin | Curadora

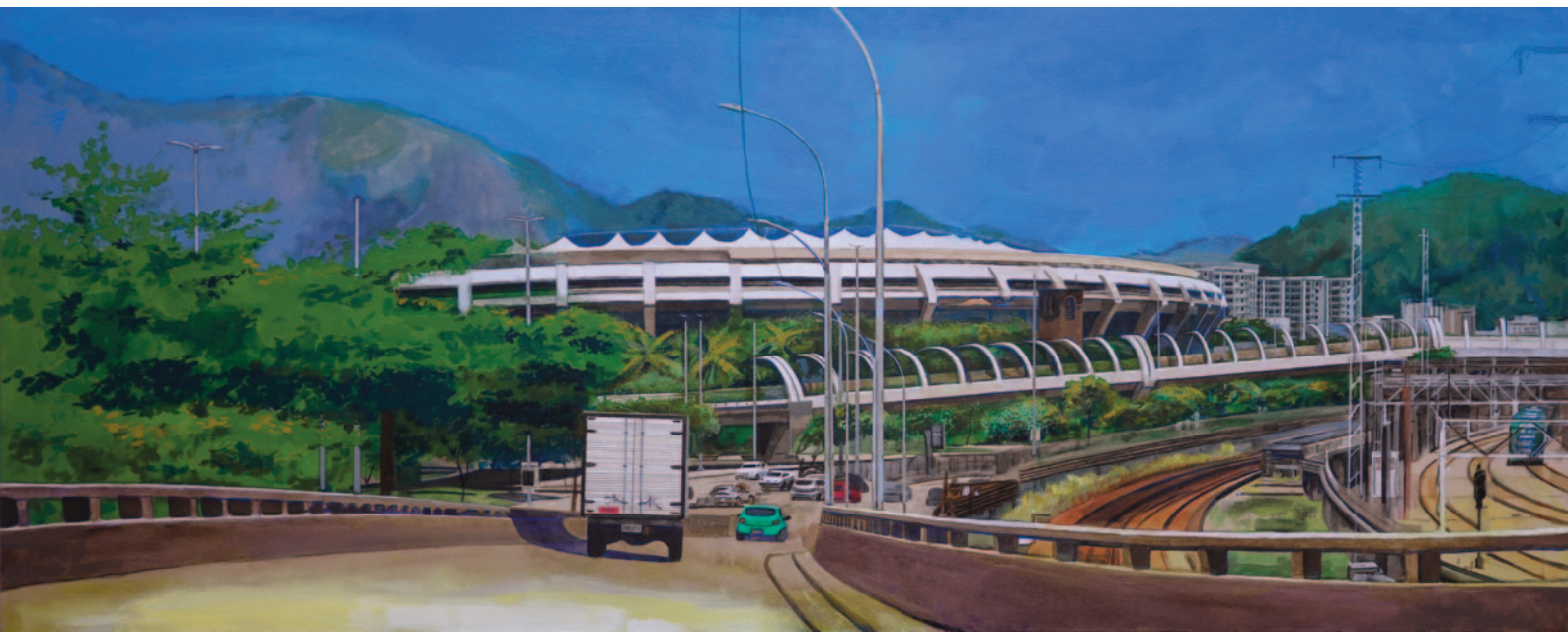
DANILO RIBEIRO – IDÍLIO TROPICAL

A paisagem e os atributos urbanos foram incorporados às práticas artísticas de Danilo Ribeiro como uma releitura visual do que se entende como banal no espaço de uma cidade, como uma espécie de fragmentos visuais de representação de uma realidade vivida. Se-

duzido pelos acontecimentos do cotidiano, o artista focaliza uma aderência às circunstâncias da cidade do Rio de Janeiro, suas contradições, suas múltiplas e diversificadas atividades, como se estivesse cartografando um espaço já conhecido e reconhecido. Lugares de memória,

Danilo Ribeiro, *Maracanã*, 2023

Foto: Divulgação



marcos históricos e antropológicos tornam-se protagonistas dessa cenografia, como um dispositivo plástico para o entendimento da dinâmica do mundo contemporâneo. Danilo traz um outro continente para esse mundo opaco, silencioso, sem estridências, anônimo, despovoado, como se fosse uma estética em repouso. As imagens emergem diante dos nossos olhos, criando um elo coletivo, mescla o que está ali e que foi capturado como se indagasse o seu sentido e a sua direção, alinhando as imagens em um outro possível cenário.

A nova série intitulada *Viagem pitoresca ao Rio de Janeiro contemporâneo*, iniciada em 2011, testemunha o seu sentido de captura e reflexão pictórica. Os relatos das expedições científicas e dos viajantes naturalistas, sobretudo Thomas Ender, tiveram forte influência no processamento visual das paisagens cariocas vivenciadas pelo artista. Ver com os próprios olhos tornou-se imperioso, assim como a observação cuidadosa das perspectivas e planos que abastecem seu repertório imagético. Utiliza cores vivazes, acentos cromáticos, céus crepusculares, tons amarelados saturados, enquadramentos fragmentados sem maior preocupação atmosférica, tudo colocado no mesmo plano e que dinamizam as superfícies compositivas como se pintasse diretamente no espaço urbano.

A pontuação da paisagem nos coloca em diferentes situações reflexivas ao manipular uma iconografia na qual o banal e o cotidiano se evidenciam e adquirem uma intensidade plástica. Danilo cria uma narrativa de algo estranho combinado com o familiar, parece evocar um mundo paralelo, espirala o tempo e parece colocar em dúvida os limites entre o real e o ficcional.



Danilo Ribeiro, *Lapa (dia)*, 2023

Foto: Divulgação

O antropólogo Claude Lévi-Strauss comenta em seu livro *Tristes trópicos* que toda paisagem se apresenta, de início, como uma imensa desordem que nos deixa livres para escolhermos o sentido que preferimos atribuir. Ao reorganizar o que sabemos e imaginamos sobre o mundo e acerca de nós mesmos em locais que pavimentam as nossas emoções, Danilo nos direciona para uma perturbadora espacialidade, carregada de um caráter enigmático, cria um jogo composicional como se ali tivesse guardado algo a ser desvelado para traduzir o contrafluxo de vidas ali vividas. A polissemia das áreas urbanas cariocas tem um sentido realista como maneiras de apreensão do mundo que tem a sua própria história e um modo de ver as múltiplas formas de vida que ali coexistem, nesse sistema de representação pictórica, um território duplicado. Um verdadeiro idílio tropical.

SERVIÇO

Idílio Tropical – Danilo Ribeiro

Inauguração: 9 de abril, terça-feira, das 19h às 22h

Exposição: até 30 de abril

Artur Fidalgo Galeria

Rua Siqueira Campos 143, 2º piso, Loja 1, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 13h e 14h às 19h

www.arturfidalgo.com.br

MARIANA VOIGT MASCARENHAS: TERRITÓRIO LIVRE



Mariana Mascarenhas, *Cabeça-cacos*, 2023



Foto: Divulgação

Na sua prática experimental, Mariana explorou diversas técnicas em desenho, pintura e aquarela, além de materiais como tecidos, objetos e artefatos, evidenciando o compromisso do artista com a experimentação e a liberdade. Sua trajetória artística se desenvolveu durante os seus estudos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage — EAV, sendo aluna do artista plástico João Magalhães.

No seu comprometimento com a pintura como experiência, linguagem, conhecimento e memória, a artista trilha seus caminhos poéticos e passa a utilizar colagens e justaposições de papéis coloridos, recortados como uma metáfora lúdica, para ativar o seu campo das ideias, com ressonâncias ao vocabulário plástico do artista Jean Arp. Na sua gramática visual, a compreensão da estrutura planar do cubismo traz o sur-

gimento da construção da figura de uma cabeça como um dispositivo dinâmico e recorrente, que foi também elemento muito utilizado nas esquematizações geométricas por Milton da Costa, no final da década de 1940.

As colagens de Mariana provocam uma pulsação na organização do plano e têm a representação de uma cabeça geométrica como uma das figuras centrais, convertida em elemento de uma linguagem simbólica particular, em torno da qual são adicionados alguns componentes, incluindo formas vegetais, que revelam um aprimoramento do processo generativo das imagens, ao utilizar ideogramas, pigmentos diversos, grafismos e objetos banais capturados do cotidiano para as suas obras, constituindo um imaginário original.

Mariana Mascarenhas,
da esquerda para a direita:
Natureza morta 1, *Natureza morta 2*, 2023

Foto: Divulgação

São territórios livres permanentemente atravessados por ocorrências carregadas de técnica e riqueza plástica. Os variados elementos das colagens têm origem em diferentes matrizes que se entrelaçam em novas possibilidades, seja em contrastes ofuscantes ou um campo infinito de variações cromáticas. Esses elementos conectivos trazem uma integração dessas equações visuais, colocando todos os elementos em sintonia. Ao mesmo tempo, esses núcleos revelam um humor lúdico e um caráter ambivalente oriundo da arte pop, em que reside sua potência estética. Mariana quer tornar visível esses temas aparentemente banais, quer recuperar para a visualidade um objeto que perdeu sua força de imagem na heterogeneidade da vida cotidiana.

A natureza-morta era um gênero pictórico considerado meras representações de objetos inanimados e imóveis (*stillleven*), uma reprodução minuciosa de objetos cotidianos como acessórios decorativos. A palavra foi utilizada pela primeira vez na Holanda, em meados do século XVII, para nomear as suas variantes: quadro com frutas (*fruytagie*); banquete (*bancket*); pequeno almoço (*ontbijt*). Os Países Baixos foram a região da Europa onde se introduziu, com êxito, as obras de arte que testemunham a prosperidade burguesa da economia capitalista, através da pintura de flores e dos alimentos como tributos da terra. Os elementos da natureza-morta foram aos poucos percebidos pelos pintores como um meio particularmente adequado para expressar qualidades estéticas, e aparecem agora como uma posição iconográfica importante.



Nas obras de Mariana Mascarenhas estão claramente presentes um caráter híbrido, que evoca a deterioração da imagem inicial, uma fusão intrigante pela contradição entre a pintura e a desconstrução do real, sem identidade ou lógica entre as partes. Passa a utilizar também, no seu corpo de trabalho, além da linguagem pictórica, outras experimentações de madeira maciça e tridimensionais; o recorte da cabeça serve como o elemento constitutivo, um exercício permanente de meditação, talhado como um *modus* estético de novas possibilidades de representação.

Mariana Mascarenhas estabelece novos acontecimentos plásticos, reconfigurando um tecido estético irregular sobre a estrutura do suporte original. São equações plásticas que se equilibram no seu misterioso poder de convicção e de diálogo, através de uma arquitetura mínima e espessuras de cores, densas ou porosas, que revelam grande disciplina — algo predominante em suas obras.

SERVIÇO

Mariana Voigt Marcarenhas – Cabeças & etc...

Inauguração: 9 de abril, terça-feira, das 19h às 22h

Exposição: até 30 de abril

Artur Fidalgo Galeria

Rua Siqueira Campos 143, 2º piso, Loja 1, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 13h e 14h às 19h

www.arturfidalgo.com.br



Marcela
Cantuária,
*Nise da
Silveira*

Foto:
Vicente
de Mello

“TRANSMUTAÇÃO: ALQUIMIA E RESISTÊNCIA” Marcela Cantuária no Paço Imperial, RJ

*Há cinco anos sem expor individualmente no Rio de Janeiro,
artista apresenta obras recentes e inéditas*

Com curadoria de Aldones Nino e assistência curatorial de Andressa Rocha, “*Transmutação: alquimia e resistência*” revela 20 trabalhos recentes e inéditos da artista carioca Marcela Cantuária que há cinco anos não faz uma exposição individual no Rio de Janeiro. Na abertura, dia 17, haverá visita guiada com a artista e a curadora Andressa Rocha. A mostra é apresentada pelo Governo Federal, Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura

e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Paulo Gustavo.

“Cantuária não se limita a pintar; ela conjura, diariamente engajando-se em uma prática que se assemelha à magia, capaz de remodelar a realidade, redefinir narrativas e transformar perspectivas. Como uma alquimista contemporânea, cada tela age como um encantamento, um chamado à reflexão e à transformação.”

Marcela Cantuária, *As Amantes*

Foto: Vicente de Mello





Marcela Cantuária, *Jovita Feitosa*
Foto: Vicente de Mello

Ela propõe uma reinvenção constante da criação artística, estabelecendo conexões entre múltiplas temporalidades”, afirmam os curadores no texto que acompanha a exposição.

A mostra exhibe trabalhos produzidos desde 2016 até os dias atuais, sendo três inéditos, realizados especialmente para esta exposição. As obras trazem questões como o protagonismo político feminino, a luta de classes e a divisão de poderes. Elas também evidenciam a diversidade de técnicas utilizadas pela artista ao longo dos anos, caminhando da tela para o espaço por meio da utilização de mídias como tecido, madeira e cerâmica. “A exposição vai abordar diversos momentos da minha trajetória, desde onde a minha pintura começa, até onde estou neste momento”, conta a artista.

Dentre as obras inéditas, estão duas pinturas de “*Mátria Livre*”, pesquisa que Cantuária desenvolve há oito anos, elaborando, por meio de um vocabulário plástico-



Marcela Cantuária, *Voltarei e serei milhões*
Foto: Vicente de Mello

formal, narrativas sobre como reencantar figuras femininas de luta contra o capital, o colonialismo e o patriarcado. A espinha dorsal da série consiste em re-verenciar aquelas que construíram e disputaram espaços na política, lutando com teoria e prática. As novas pinturas trazem a poeta grega Safo, que viveu na ilha de Lesbos, e Marleide Vieira, militante do MST de Pernambuco, assassinada no ano passado pelo marido ao pedir o divórcio.

“Represento mulheres que inspiram ações, trazendo a minha perspectiva, mostrando principalmente a força feminina. São imagens de mulheres que, na maioria dos casos, existem ou existiram enquanto lutadoras. É como criar um panteão dessas mulheres, lugar de merecimento e de imortalidade também”, afirma a artista.

Além das pinturas, a exposição destaca a obra “*A grande benéfica*” (2021), um autorretrato da artista, pintado sobre biombo, medindo 1,80m x 1,80m. “Será

uma imagem ícone da mostra. Essa obra fala muito da relação que eu tenho com o tarô, fiz uma releitura da carta dois de copas, que representa o romance, e da carta do mundo, que é a realização, o ciclo, e mesclei com partes íntimas da minha vida”, conta Marcela Cantuária.

“A grande benéfica’ evidencia sua estratégia de questionar e encenar junto aos espectadores as possibilidades de representação de sua identidade: enquanto ela apresenta um olhar combativo e direto em uma das faces do biombo, na outra observamos Cantuária em uma posição celebratória, em uma espécie de comunhão com o espaço onde se encontra”, ressaltam os curadores.

O nome da exposição, “Transmutação: alquimia e resistência”, é repleto de significados, assim como as obras. “Sua produção, imbuída de simbolismo e intencionalidade, remete à prática da alquimia não apenas pela transformação de materiais – que se estende além dos tradicionais pigmentos, pincéis e telas para incluir madeira e cerâmica – mas também em sua busca constante por saberes e narrativas circunscritas à margem da retórica hegemônica, na exploração do potencial humano e na revelação de outras histórias. Tais trabalhos mergu-

lham profundamente na realidade latino-americana, discutindo e salientando questões sociais e políticas”, afirmam os curadores.

SERVIÇO

**“Transmutação: alquimia e resistência”,
de Marcela Cantuária**

Abertura: 17 de abril, das 15h às 18h

Exposição: até 7 de julho

Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita



Marcela Cantuária,
A Grande Benéfica, 2021

Foto: Vicente de Mello

KRAJCBERG & ZANINE

NA GALERIA ATHENA, RJ



Frans Krajcberg, *Sem título*, década de 70

Foto: Divulgação



Zanine, *Hammock hanging (detalhe)*

Foto: Divulgação

Pela primeira vez, uma exposição conjunta sobre o artista e o arquiteto. Ambos tinham em comum a preocupação com o meio ambiente e o uso sustentável da madeira

A relação do artista Frans Krajcberg (1921-2017) e do arquiteto e designer José Zanine Caldas (1919-2001) – que foram amigos e se influenciaram mutuamente – é pouco conhecida e até hoje nunca havia sido feita uma exposição sobre o assunto. A mostra, realizada em parceria com a Diletante 42, explora, em um diálogo inédito, os pontos de contato entre as obras destes dois grandes nomes da cultura brasileira, ressaltando a preocupação de ambos com o meio ambiente.

“Krajcberg e Zanine foram muito amigos e tiveram uma convivência muito próxima com a natureza. Existe um diálogo entre as suas obras, e a ideia da exposição é apresentar o melhor de cada um deles, com peças importantes e extremamente representativas”, diz Liecil Oliveira, um dos sócios da Galeria Athena.

A exposição apresenta cerca de 20 peças, entre esculturas de Krajcberg dos anos 1960 e 1970, itens de mobiliário e também uma escultura de Zanine, dos anos 1970 e início de 1980. Com produções bem diversas, os dois têm em comum o uso sustentável da madeira e a preocupação com o meio ambiente, desde a década de 1970 quando pouco se falava sobre o assunto, sendo pioneiros neste aspecto. A mudança de ambos para a cidade de Nova Viçosa, no sul da Bahia, foi um marco na produção de ambos.



Frans Krajcberg, *Sem título*, 1974

Foto: Divulgação

Na mostra, são apresentados relevos de parede de Frans Krajcberg, feitos a partir de madeiras provenientes de queimadas e desmatamentos, com pigmentos naturais criados por ele, nas cores preto, branco e



vermelho. Há também uma grande obra de chão, da série *“Bailarinas”*, da década de 1980, igualmente produzida com madeira queimada e pigmentos naturais, medindo 2,90m de altura. *“Krajcberg tentou, com essa escultura, recriar a dança de sua namorada bailarina no mangue”*, conta Liecil Oliveira.

Ainda de Krajcberg, obras da *“Série Sombra”*, técnica que consiste em capturar a sombra projetada por algum elemento natural, recortando em um suporte de madeira o desenho criado, que depois é fixado na peça, dando relevo e volume. *“Era um projeto complicadíssimo: ele colocava no sol aquilo que ele queria criar uma sombra, mas nem sempre ficava como gostaria – e desenhava na madeira o defeito que aparecia. Ficava horas fazendo isso”*, afirma Liecil Oliveira.

Peças icônicas de mobiliário e design de José Zanine Caldas, também se destacam na exposição. Conhecidas como *“Móveis Denúncia”*, faziam um alerta sobre o desmatamento e o desperdício de matéria-prima na Mata Atlântica. Dentre elas, uma mesa de jantar e a emblemática poltrona namoradeira, além de uma escultura em madeira. Apesar de ser mais conhecido por seu mobiliário, ao longo de sua trajetória, o arquiteto produziu algumas esculturas.

NOVA VIÇOSA – UM MARCO NAS TRAJETÓRIAS DE ZANINE E KRAJCBERG

José Zanine Caldas começou a frequentar a região de Nova Viçosa, no sul da Bahia, em 1968, onde se redescobre e modifica bastante a sua produção, tanto arquitetônica quanto de mobiliário, passando a utilizar madeiras de resíduo florestal. Encantado com o lugar, so-

Frans Krajcberg, *Bailarinas*, década de 80
Foto: Divulgação



Zanine, *Poltrona namoradeira*
Foto: Divulgação

nhava em transformá-lo em uma capital cultural e levou diversos nomes para lá, como Chico Buarque, Oscar Niemeyer e os artistas Carlos Vergara e Frans Krajcberg, que morou na cidade até o final de sua vida, na famosa casa na árvore, construída por Zanine. *“Quando se fala de Nova Viçosa, pensa-se logo no Krajcberg, mas quem levou ele para lá foi o Zanine, que também tem uma passagem muito marcante pela cidade na questão urbanística e arquitetônica”*, conta Flávio Santoro, sócio da Dileitante 42, que organiza a exposição junto com a Galeria Athena.

Foi em Nova Viçosa que o arquiteto produziu os “Móveis Denúncia”, reaproveitando materiais disponíveis como forma de protesto contra o desmatamento, característica que marcou toda a sua produção.

Em 1972, levado por Zanine, Krajcberg passa a residir em Nova Viçosa e sua obra tem uma definitiva mudança. Ampliando o processo de escultura, começa a trabalhar com vegetação danificada por queimadas e desmatamento, intervindo especialmente em troncos e raízes. O caráter de denúncia de seus trabalhos fez

com que o artista, que nasceu na Polônia e veio para o Brasil em 1948, naturalizando-se em 1957, ficasse mundialmente conhecido como um ecologista.

A exposição é organizada pela Athena – galeria que este ano comemora três décadas de atuação no mercado secundário de arte moderna e contemporânea e na representação de artistas brasileiros contemporâneos – e Dileitante 42, galeria que se destaca por sua coleção 100% brasileira, com 20 anos de experiência em peças das décadas de 1940 a 1980. O projeto tem objetivo de unir artes visuais e design, valorizando o pensamento e a cultura brasileira.

SERVIÇO

Krajcberg & Zanine

Até 18 de maio

Galeria Athena

Rua Estácio Coimbra, 50, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2513-0703

Dias/Horários: terça a sexta, das 11h às 19h;

sábado, das 12h às 17h

<https://galeriaathena.com/galeria/>



BIENALSUR 2025

CONVOCAÇÃO ABERTA PARA ARTISTAS E CURADORES

WWW.BIENALSUR.ORG

Até dia 8 de abril de 2024, projetos artísticos e/ou curatoriais poderão ser apresentados online, por meio de plataforma em espanhol e em inglês

Poderão ser apresentadas propostas que se situem no horizonte das teorias contemporâneas da arte e da cultura que contribuam para pensar, problematizar ou oferecer outros olhares e abordagens sobre a multiplicidade de experiências vitais de nosso tempo. Os trabalhos propostos serão selecionados por um júri de notáveis curadores internacionais para fazer parte da programação da quinta edição da BIENALSUR 2025.

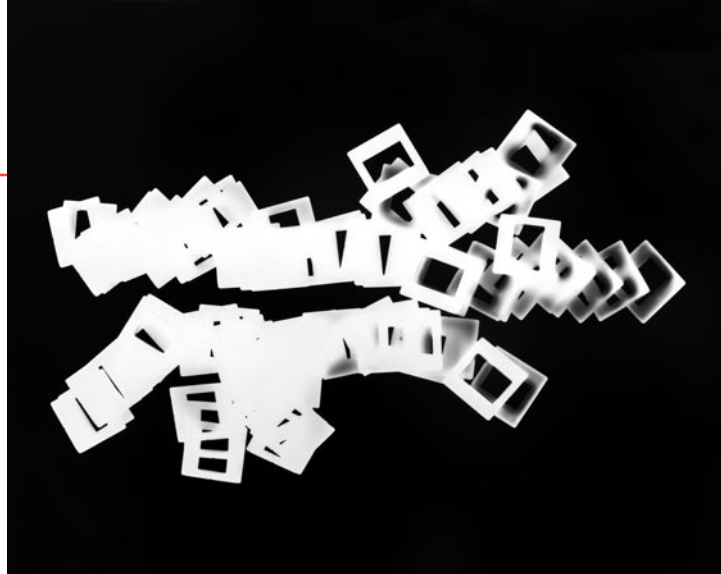
Desde sua primeira edição, em 2017, o formato particular da BIENALSUR, sem tema pré-defindo, e seu funcionamento colaborativo e em rede, incentiva a arte de cada região, enaltecendo suas singularidades e posições relativas aos seus contextos sócio-culturais.

Museus, centros culturais, universidades e espaços não tradicionais de grandes cidades e povoados de diferentes países, além de instituições públicas e privadas, formam a grande e notável rede da BIENALSUR ao redor do mundo. Em cada uma de suas edições, recebem mostras que promovem o desenvolvimento de um pensamento crítico com autonomia a respeito dos relatos canônicos e de práticas alternativas, dentro do mundo da arte e da cultura em seus modos de produção, exposição, circulação e consumo.

Mais de dois mil artistas, curadores e intelectuais já participaram das quatro edições do evento. Para muitos, a BIENALSUR tem sido uma oportunidade única, não só para expor seus trabalhos e pesquisas em exposições fora de seus países de origem, mas também pela possibilidade de entrar em contato com instituições públicas e privadas dos cinco continentes.

Aníbal Jozami, diretor geral da bienal, destaca que o modo de seleção de artistas e curadores para cada edição é uma das principais características distintas da BIENALSUR: *“A chamada aberta internacional é uma das estratégias que temos implementado desde a primeira edição, com impacto crescente. Realizamos esse mecanismo porque acreditamos que ele contribui para democratizar o acesso; estamos interessados na possibilidade livre e independente que a chamada oferece para artistas e curadores de diferentes regiões do planeta.”*

Por sua vez, Diana Wechsler, diretora artística, afirma que a BIENALSUR é um projeto plural: *“Pensar com os outros, ouvir diferentes vozes, identificar perspectivas faz parte do espírito que anima a chamada aberta internacional que busca sondar, a partir de sua horizontalidade – através das apresentações de artistas e curadores – os problemas presentes nas mais variadas e distantes cenas artísticas”.*



Vicente de Mello, a partir da esquerda, *Strobo # 11* e *Carbono 14 teste I*, série *Monolux*, 2016

ENCONTRO DE SENSIBILIDADES

Dois artistas, duas expressões do sensível: as mostras “Toda noite”, do fotógrafo Vicente de Mello, e “Dragão Floresta Abundante”, do artista visual Christus Nóbrega, se encontram no Centro Cultural Justiça Federal, no Rio, a partir do dia 13 de abril

Christus Nóbrega, *A Roupa Nova do Rei*, 2015

Foto: Lucas Las-Casas



Os percursos são diferentes e, no entanto, convergem: as obras do fotógrafo **Vicente de Mello** e do artista visual **Christus Nóbrega**, em grande sintonia, ocuparão dois andares do histórico edifício do Centro Cultural Justiça Federal, no centro do Rio de Janeiro.

Christus Nóbrega, ou Lóngpènsēn – que, em português significa “Dragão Floresta Abundante” – foi o primeiro artista brasileiro convidado para uma residência de três meses na *Central Academy of Fine Arts (CAFA)*, em Pequim, dentro de um programa desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A mostra “*Dragão Floresta Abundante*” é o resultado desse trabalho e na vivência do artista na China.

Com 33 anos de estrada, o fotógrafo Vicente de Mello reúne, na mostra “*Toda Noite*”, 13 séries emblemáticas de seu sofisticado trabalho de experimentação fotográfica em distintas técnicas e criações.

As duas exposições marcam o início da parceria curatorial entre o IPAC – Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura – e o CCJF – Centro Cultural Justiça Federal, que passa a receber uma programação mais ativa, de abrangência nacional, com programação de oito grandes exposições individuais e coletivas ao longo de um ano e meio.

CHRISTUS NÓBREGA – IMERSÃO PROFUNDA

Durante seis meses, Christus Nóbrega se dedicou com afinco ao aprendizado do mandarim. Passaria três meses na China e queria garantir que conseguiria, pelo menos, “*pedir um chá*” – brinca. Afinal, estava diante de uma imersão numa cultura milenar que não conhecia.

Para penetrar na cultura chinesa, Christus Nóbrega se valeu de um método no mínimo original: dizia a todo mundo que tinha ido à China para encontrar uma antiga enciclopédia chinesa chamada “*Empório Celestial de Conhecimento*”, evocada pelo escritor Jorge Luiz Borges no ensaio “*O idioma analítico de John Wilkins*” (La Nacion, 8/2/1942).



Christus Nóbrega, *Fábrica de Nuvens*, 2015
Foto: Lucas Las-Casas



Christus Nóbrega, *Fábrica de Pipas*, 2015

Foto: Lucas Las-Casas

– *Todos se ofereciam para me ajudar, e eu passava um bom tempo com cada pessoa, mergulhando na cultura e no sentimento de cada um* – revela.

Christus então se aprofundou em pesquisas que envolveram desde fontes literárias como técnicas milenares, como a caligrafia e o recorte em papel, além da teoria das raças irmãs, que sustenta que os chineses estariam na genealogia dos indígenas sul-americanos, pois teriam chegado ao continente pelo Estreito de Bering.

ALGUMAS OBRAS

Fábrica de pipas convida o público a produzir pipas com contrato de trabalho; a cada 11 pipas fabricadas, o

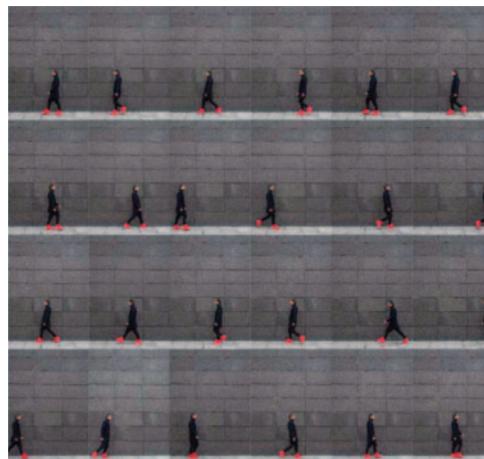
operário recebe uma como paga. E quem produzir mil pipas ganha uma pipa folheada a ouro. – *Acredita que, em edições anteriores, entregamos três pipas de ouro?* – pergunta o artista.

A instalação *Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos* é um verdadeiro gabinete de curiosidades em formato de labirinto que o público pode entrar e abrir as dezenas de gavetas e portas. O *Dicionário Feminino* traz curiosidades sobre o uso do ideograma mulher na construção de palavras em mandarim e aborda questões de gênero. Já *89 passos, 89 linhas, desenhos sobre a paz* registra em foto e GPS Drawing a caminhada de Christus em homenagem à emblemática ima-

gem de um jovem – até hoje não identificado – que enfrentou, de camisa aberta, os tanques que dissipavam uma manifestação estudantil na Praça da Paz Celestial. – *Foi um momento marcante que acompanhei quando tinha 12 anos pela televisão* – recorda.

A roupa nova do rei, trabalho feito com rendas de papel recortado sobrepostas com alfinetes (de ouro e também falsos) a autorretratos de nus, alude ao célebre conto homônimo de Hans Christian Andersen (1805-

1875). Outras instalações, como *Muralha* e *Fábrica de Nuvens*, completam a mostra.

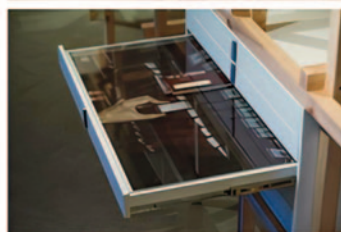


Christus Nóbrega,
Muralha, 2015
Foto: Lucas Las-Casas



Christus Nóbrega, *Empório Celestial dos Conhecimentos Benévolos*, 2015-2017

Foto: Lucas Las-Casas



TODA NOITE: VICENTE DE MELLO E A TRANSVISÃO DO MUNDO

Treze séries de obras celebram 33 anos de atividade artística do fotógrafo, ensaísta e curador. – *Minha poética se desenvolve na “transvisão” da fotografia. As séries são, claramente, muito pouco explícitas. Provocam um deslocamento do real, o que leva a uma reinterpretação das imagens* – reflete o fotógrafo, que venceu o prêmio APCA 2007 e foi um dos ganhadores do Prêmio CCBB Contemporâneo 2015, entre outros.

O QUE A NOITE REVELA

Uma noite que se repete indefinidamente: é este o mote da exposição, que apresenta os mais diversos tons de claro-escuro, produzidos com diversas técnicas fotográficas. – *A noite sempre esconde algumas coisas e expõe outras* – ressalta Vicente.



Vicente de Mello, *Carrossel*, série *Limite Oblíquo*

Já na abertura, a série *Limite Oblíquo* subverte o próprio ato de fotografar, quando o artista captura, em alto contraste, vários objetos deixados na areia pelo mar, que ele próprio recolheu, dispostos sobre uma super-

fície iluminada. *Noite Americana*, inspirada na estética do cinema *noir* da década de 1950, é uma sequência de fotos de interiores e de paisagens urbanas, capturadas com pouca iluminação, em que predominam o contra-luz e imagens escuras, com pouca definição.

Galáctica transforma luminárias, lustres e neons em formas que lembram corpos celestes, ao serem isolados de seu conceito original – o que, de certa forma, contradiz a ideia da fotografia como documento ou como reprodução fiel de um cenário. O exercício com objetos retirados do ateliê do artista, tratados na sala escura, sem câmera e sem negativo – à maneira dos rayogramas de Man Ray – cria a série *Monolux*, formada por fotogramas de laboratório.



Vicente de Mello, *Vermelhos Telúricos*, *Grande Muralha - China*

Vermelhos Telúricos mostra cópias fotográficas no formato de molduras de slides de várias paisagens do mundo, que tendem à tonalidade vermelha, pelo des-

gaste do tempo; e *Slidetrip* é uma homenagem ao tempo das projeções domésticas de slides.

A celebrada *Moiré* reflete efeitos de luz e sombra através do movimento das cortinas de um apartamento em Pequim, enquanto *Silence City* fala sobre o tempo.

Herbária inverte dez imagens de fragmentos de plantas, criando visões singulares; e a instalação *Fugitivo*, formada por oito latas usadas para transporte de filmes da década de 1970 e iluminadas por um conjunto de spots reaproveitados em nova função, cria janelas visuais que fazem referência a cada filme.

Átomo Cian, que integra a série *Sete Dias*, é a imagem de um poste da cidade de Bruxelas que Vicente fotografou, usando um prisma comum de brinquedo. Duplicou a foto com lambe-lambe e, mais tarde, com serigrafia de alta qualidade. O resultado é uma instalação que lembra uma rede neural; “uma trama estelar, observada por um astrolábio à noite” como define o artista.

Ultramarino homenageia os faróis que orientam os navios quanto aos perigos ou os conduzem à segurança, protegendo e orientando os navegantes. Na sala escura, um periscópio simula o movimento de um farol náutico. Embora as paredes estejam cobertas com imagens, o visitante só vê as imagens que o farol varre, em seu movimento constante.



Vicente de Mello,
*As garotas
escarlates*,
série *Slidetrip*,
2012



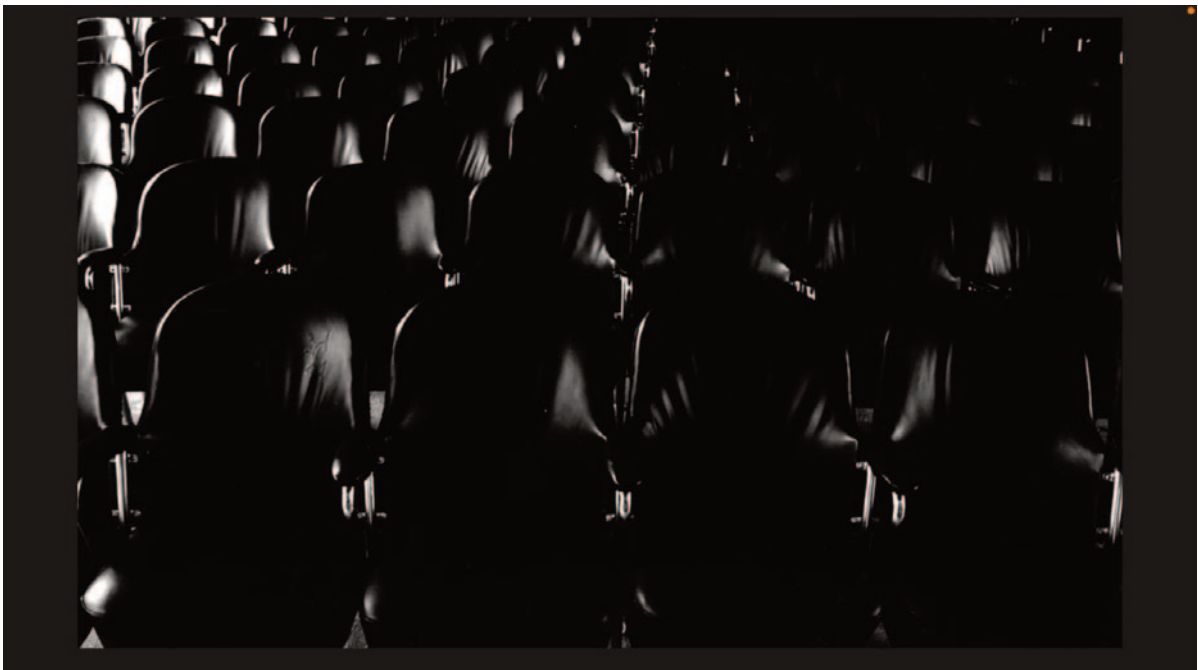
Vicente de Mello,
Sonâmbulo,
série *Noite
Americana*



Vicente de Mello,
Herbária



Proposição entre Christus Nóbrega e Vicente de Mello na sala do Plenário da Justiça:
acima, Christus Nóbrega, abaixo Vicente de Mello



PROPOSIÇÃO DE ARTISTAS

A proposição entre Christus Nóbrega e Vicente de Mello se encontra na sala do Plenário da Justiça. As duas obras dos artistas que estão lá giram em torno dos olhares: de um lado, o juiz olha para quem está na sala; de outro, as pessoas retribuem o olhar. Nesse jogo de ver e ser visto, entra a curiosa invenção chinesa dos óculos escuros, usados antigamente para esconder as expressões dos juízes. Essa peça histórica inspira o trabalho de Nóbrega, que, com a ajuda da Inteligência Artificial, cria uma imagem que reflete sobre o que é revelado ou escondido pelo olhar. Já Vicente, através de suas fotografias, captura o ambiente e a sensação de estar na audiência, esperando por justiça. Ao juntar essas duas perspectivas em um espaço comum, eles convidam o público a uma reflexão sobre como vemos e interpretamos os papéis de cada um no teatro da justiça.

OS ARTISTAS

Vicente de Mello (São Paulo, 1967) é formado em comunicação social, publicidade e propaganda pela Universidade Estácio de Sá. Especializou-se em História da Arte e Arquitetura no Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sua obra faz parte da coleção de espaços como a *Maison Européenne de la Photographie*, Paris / França, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, entre outros.

Christus Nóbrega (Paraíba, 1976) Vive e trabalha em Brasília - DF, Brasil. É artista e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília,

além de doutor e mestre em Arte Contemporânea pela mesma Universidade e Bacharel em Design pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Premiado pelo Programa Cultural da Petrobras (2004 e 2011), pelo Museu da Casa Brasileira (2004) e indicado ao Prêmio Pipa (2017 e 2019), entre outros.

A CURADORIA

Toda Noite tem curadoria assinada por Marília Panitz, mestre em arte contemporânea, teoria e história da arte pela Universidade de Brasília; e Aldones Nino, curador adjunto do *Collegium* (Arévalo, Espanha), além de doutorando em Historia y Arte pela Universidade de Granada, em cotutela com o programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ.

Já a curadoria de *Dragão Floresta Abundante* foi realizada pelo próprio artista.

– *Tanto Christus Nóbrega quanto Vicente de Mello têm em comum a questão experimental; além disso, são sérios pesquisadores da imagem, além de terem, sempre, a fotografia como suporte de seus trabalhos* – pontua Marília Panitz, curadora de arte que conhece e acompanha o trabalho dos artistas.

SERVIÇO

“Dragão Floresta Abundante”, de Christus Nóbrega
“Toda noite”, de Vicente de Mello

De 13 de abril até 30 de junho

CCJF – Centro Cultural Justiça Federal

Av. Rio Branco, 241, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo, das 11h às 19h



Individual
inérita
de
SANTÍDIO
PEREIRA
no
MAM
São Paulo

Santídio Pereira, *Sem título*, 2022
Foto: Divulgação

Com curadoria de Cauê Alves, curador-chefe do MAM, a exposição “Santídio Pereira: paisagens férteis” reúne mais de 30 obras entre gravuras, pinturas e objetos produzidos entre 2017 e 2024



Santídio Pereira, *Sem título*, 2022

Foto: Divulgação

Paisagens férteis proporciona um mergulho nos trabalhos de Santídio, a partir de sua extensa pesquisa em torno das imagens de biomas brasileiros, da Amazônia à Mata Atlântica, passando por paisagens que fizeram parte de suas vivências e carregando especialmente as observações que faz em meio à natureza.

O curador Cauê Alves selecionou gravuras, objetos e pinturas que exibem paisagens montanhosas e de plan-

tas como bromélias e mandacarus. Esses motivos nas obras do artista derivam de suas experiências imersivas nos biomas brasileiros, durante viagens em que se dispõe a observar a geografia e a vegetação com atenção. Parte delas também são fruto das memórias da infância no Piauí que ele carrega consigo.

As imagens, porém, não são apenas reproduções do que Santídio enxerga, mas criações. O curador explica que *“a referência a uma espécie de planta específica, que está disponível aos seus olhos, não se opõe à imaginação, ou seja, à mentalização de algo que não está presente. É como se ele interpretasse o que viu e o que lembra do que viu, mas de modo diferente, novo, já que vai além do que se passou e do que se recorda”*.

Conhecido inicialmente por seus trabalhos com xilogravura, Santídio começou a se dedicar também à pintura com guache e à feitura de objetos nos últimos anos. A exposição no MAM será a primeira a exhibir, no Brasil, esses objetos e as guaches. Santídio comenta que, a partir dessas experimentações, passou a criar objetos que podem ser impressos, e não mais matrizes.

Já as pinturas surgem a partir da vontade que ele teve em trabalhar com a materialidade do guache. *“São trabalhos relativamente menores que as xilogravuras, que*



Santídio Pereira,
Sem título, 2023
Foto: Divulgação

levam para um lugar completamente distinto. Não pelo tema, mas pela materialidade, porque a materialidade da tinta da gravura é um tanto brilhante, é um pouco oleosa, enquanto a materialidade da guache, do jeito que trabalho, é mais opaca”, explica o artista. Para ele, essa característica opaca da pintura à guache transmite uma maior profundidade no trabalho, “como se o trabalho em guache abraçasse e o trabalho em gravura tomasse uma certa distância”.

Em seu texto curatorial, Cauê Alves destaca o olhar atento e a sensibilidade rara de Santídio Pereira, enfatizando o modo com que ele se relaciona com o mundo. *“Sua história de vida é uma exceção, e a visibilidade que seu trabalho alcançou é atípica no meio da arte. Ele soube relacionar sua liberdade com aquilo que era, de fato, necessário para ele, apostando na invenção, mas sem renunciar ao trabalho ou abandonar suas origens”,* comenta o curador.

SOBRE O ARTISTA

Graduado em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, nasceu em Isaías Coelho, no interior do Piauí. Mudou-se para a capital paulista com a família, e, aos oito anos de idade, foi matriculado pela mãe no Instituto Acaia, uma organização criada pela artista Elisa Bracher. Lá, ele entrou em contato com uma grande variedade de técnicas artísticas e, mais tarde, aprofundou-se na gravura no Xiloceasa, idealizado pelos artistas Fabrício Lopez e Flávio Capi.

A trajetória de Santídio Pereira tem sido permeada pela experimentação e estudo constante sobre os preceitos artísticos, impulsionando um desejo de criação e inovação dos padrões pré-estabelecidos, tanto no aspecto formal, quanto conceitual das linguagens artísticas. Seu trabalho já foi exibido em instituições brasileiras como Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre), Centro Cultural São Paulo, Paço das Artes, MuBE – Museu Brasi-

leiro da Escultura e Ecologia, e MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo (todos em São Paulo) e em exposições de espaços e instituições internacionais como a *Galería Xippas* (Punta del Este, Uruguai), *b[x] Gallery* (Nova York, EUA), *Bortolami Gallery* (Nova York, EUA), *Fondation Cartier pour l’art Contemporain* (Paris, França), *Power Station of Art* (Xangai, China), dentre outros.

Seu trabalho integra em coleções importantes, como Pinacoteca do Estado de São Paulo (Brasil), Coleção Cisneros (EUA), Acervo Sesc de Artes (Brasil), Museu de Arte do Rio – MAR (Brasil) e *Fondation Cartier pour l’Art Contemporain* (França). Santídio também foi contemplado com o Prêmio Piza (2021, Paris, França), além de ter participado da Annex B Residência Artística (2019, Nova York, EUA).

SERVIÇO

Santídio Pereira: paisagens férteis

Abertura: 2 de abril, terça-feira, às 19h

Período expositivo: 3 de abril a 1º de setembro

Museu de Arte Moderna de São Paulo



Santídio Pereira, *objeto-iii*, 2022
Foto: Divulgação

Sala Paulo Figueiredo

Parque Ibirapuera – Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº
acesso pelos portões 1 e 3, São Paulo / SP

Tel.: (11) 5085-1300

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 18h
(com a última entrada às 17h30)

Ingressos*: R\$ 30,00 inteira e R\$ 15,00 meia-entrada.
Aos domingos, a entrada é gratuita e o visitante pode contribuir com o valor que quiser.

Para ingressos antecipados, acesse mam.org.br/visite
Acesso para pessoas com deficiência.

*Meia-entrada para estudantes, com identificação; jovens de baixa renda e idosos (+60). Gratuidade para crianças menores de 10 anos; pessoas com deficiência e acompanhante; professores e diretores da rede pública estadual e municipal de São Paulo, com identificação; amigos e alunos do MAM; funcionários das empresas parceiras e museus; membros do ICOM, AICA e ABCA, com identificação; funcionários da SPTuris e funcionários da Secretaria Municipal de Cultura.

Santídio Pereira, *Sem título*, 2022

Foto: Divulgação



QUANDO AS FORMAS GANHAM VIDA

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



Michael Blazy, *Buquê Final*, 2012



Teresa Solar Abboud, *Tunnel Boring Machine (Máquina de Perfuração de Túnel)*, 2021

Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

A exposição *When Forms Come Alive – Sixty Years of Restless Sculpture* (Quando as Formas Ganham Vida), na Hayward Gallery em Londres, escapa da convenção tradicional de esculturas em bronze ou mármore esculpido. Abrangendo a inquietude da escultura ao longo de seis décadas, as obras de várias gerações de artistas exploram o movimento, a fluidez, o orgânico, o experimental e o instável, utilizando uma variedade de materiais.

A começar por *Shylight (Luz Tímida)*, uma escultura cinética, criada pela dupla Drift, Lonneke Gordijn e Ralph Nauta, imitando flores cujas pétalas se abrem e se fecham em resposta à luz. O trabalho, com engenharia de precisão, cria uma coreografia delicada e poética e deixa as pessoas hipnotizadas, estabelecendo uma atmosfera mágica e divertida, que permanece durante toda a visita.

Não há um itinerário a ser seguido, todos têm liberdade para explorar as obras criando sua própria rota.

Espuma branca cintilante desce pela parede na obra efêmera do artista Michel Blazy (*Buquê Final*, 2012), evocando aglomerados de nuvens que tremem com um sopro suave. É uma parede de espuma de banho em vários níveis, sustentada por andaimes, que cresce, sofre mutações e, eventualmente, se desintegra quase imperceptivelmente. Os movimentos são sutis e praticamente invisíveis, semelhantes ao efeito da câmera lenta no cinema, onde as ações dão a sensação de que o tempo está passando mais devagar.

Teresa Solar Abboud cria obras híbridas entre biologia, geologia e engenharia. Em *Tunnel Boring Machine*, (*Máquina de Perfuração de Túnel*, 2021), formas poli-

das de lâminas de hélice ou apêndices aerodinâmicos pintadas em cores brilhantes emergem da argila, que funciona como base ou ponto de equilíbrio para a obra. Para a artista, a argila evoca a antiga matéria-prima da lama, o subterrâneo, as montanhas, a paisagem, aquilo que está debaixo de nós o tempo todo, mas nunca podemos ver.

Tara Donovan – artista conhecida por empregar um método de acumulação trabalhoso para explorar os efeitos perceptivos e atmosféricos que resultam de uma vasta multiplicação de unidades individuais – ocupa o espaço com *Untitled (Mylar)*, 2011, aglomeração de pompons de discos de Mylar que se multiplicam para preencher uma galeria inteira. Penso num vírus ameaçador invadindo o local.



Escultura de Matthew Ronay

As esculturas de madeira texturizadas e pintadas de Matthew Ronay apresentam formas familiares e fantásticas com referências biológicas e botânicas, como fungos, insetos, plantas, corais, gânglios e diatomáceas microscópicas de algas. Ronay acredita que aquilo que pensamos ter inventado foi pensado antes pela natureza.

Quartered Meteor (1969), de Lynda Benglis ocupa um canto de um espaço da galeria. É uma escultura de chumbo, moldada originalmente em poliuretano colorido como resposta à arte predominante masculina em Nova York nos anos 1960, período em que o uso de

Tara Donovan,
Untitled (Mylar), 2011

formas que sucumbissem à gravidade eram tabu e, portanto, um ato político para Benglis. A natureza estática e pesada do chumbo está em desacordo com a forma amorfa da espuma, lembrando a aparência de lava resfriada. Benglis é importante artista da arte pós-minimalista americana das décadas de 1960 e 1970.



Lynda Benglis, *Quartered Meteor*, 1969
Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

Pequenas esculturas de vidro de Jean-Luc Moulène, ocupam toda a área de uma outra sala, num intrincado jogo de formas irregulares com humor surrealista. *Méduse (Água viva, 2018)*, traz à mente uma sugestão

de mudança dinâmica e deformação, com tentáculos flutuando livremente atrás de seu corpo aberto em forma de sino.



Jean-Luc Moulène, *Méduse (Água viva)*, 2018

Um humor crítico às esculturas públicas importantes também está contido na obra de Phyllida Barlow, *Untitled: modern sculpture (Sem título: escultura moderna, 2022)*. As formas desajeitadas e o desequilíbrio visual da obra são uma resposta consciente aos bronzes espalhados pelos parques e rua das cidades.

A escultura *Epiphany on Chairs, (Epifania em Cadeiras, 2011)*, do artista Frans West, convida os espectadores a contemplarem seu significado em êxtase reverencial, zombando da ideia de se ter uma espécie de epifania



Phyllida Barlow, *Untitled: modern sculpture*
(Sem título: escultura moderna), 2022



Frans West, *Untitled: Cain Approaching Abel*
(Cain se aproximando de Abel), 2009

ao olhar para arte. Feitas de materiais baratos como papel machê e poliestireno, as obras de West são deliberadamente cruas e absurdas. Em *Cain Approaching Abel* (Cain se aproximando de Abel, 2009), ele retrata os irmãos do Antigo Testamento como boxeadores incompetentes. West representa a história do primeiro assassinato na terra como uma espécie de comédia pastelão.

Iaia Kui Dau Arã Naia, 2021, de Ernesto Neto, também impressiona. O título da obra usa uma mistura de idiomas afro-brasileiros, indígenas brasileiros e europeus, descrito pelo artista como um canto sobre a poderosa força de cura do espírito da vida que existe em todos os seres ao nosso redor. A obra têm uma dimensão ritual, quase alegórica.

Ruth Asawa, por sua vez, se expressa no desejo de elevar materiais básicos por meio da arte. Em



Ernesto Neto, *Iaia Kui Dau Arã Naia*, 2021
Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery



Ruth Asawa, *Sem título*

Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

viagem a Toluca, México, a artista viu os aldeões fazendo um *loop* de arame para criar cestas para ovos. E encontrou uma maneira de desenhar em três dimensões, desenvolvendo peças que exibem leveza e transparência nas formas orgânicas inspiradas na natureza. Cada obra, todas sem título, representa

uma etapa diferente da técnica usada pela artista durante sua carreira.

As obras desta exposição, segundo Ralph Rugoff, Diretor da Hayward Gallery, levam os visitantes a uma aventura em um mundo de formas fascinantes .

“Dinâmicas exuberantes e lúdicas levam o público a uma aventura em um mundo de formas fascinantes. Embora evitem representar diretamente o corpo humano, a maioria dessas obras evidencia uma corporeidade cativante – elas nos lembram que há uma comédia, além de uma política, da forma.”

Quando as Formas Ganham Vida é uma incrível exploração da experiência física em contraste com o mundo digitalizado de hoje.

Sensação é a palavra chave da exposição.

SERVIÇO

When Forms Come Alive

Sixty Years of Restless Sculpture

Até 6 de Maio

Hayward Gallery, Londres

<https://www.southbankcentre.co.uk/whats-on/art-exhibitions/when-forms-come-alive?eventId=967933>



Arcasi, *Gira*

Foto: Divulgação

“HACKEANDO O PODER”

Inspirada no livro homônimo, Rede NAMI apresenta nova exposição coletiva no Museu da República, RJ. Carollina Laureano assina a curadoria

A Rede NAMI, organização criada pela artista Panmela Castro, exibe no Museu da República, Rio de Janeiro, a mostra coletiva “*Hackeando o Poder*”, com obras de artistas que exploram novas perspectivas e narrativas

no mundo da arte. Inspirada no livro “*Hackeando o Poder: Táticas de Guerrilha para Artistas do Sul Global*” (2023, edit. Cobogó), a exposição reúne criações das artistas que participam do livro e dos projetos da NAMI,

oferecendo um espaço de diálogo e apreciação da arte através de trabalhos que representem a diversidade e a pluralidade do que é ser mulher no mundo de hoje.

A publicação é um manual de artes e direitos humanos para jovens artistas que desejam ingressar e se manter no mercado. Nesse sentido, a exposição apresenta visões e as vozes de artistas, de diferentes gerações como Rosana Paulino, Panmela Castro, Marcela Cantuária, Priscila Rooxo, Élle de Bernardini, Vulcânica Pokaropa, Agrippina R. Manhattan, Alice Yura, Roberta Holiday, Sallisa Rosa, Arcasi e Alafumin.

“O livro é uma escrita importante sobre esse processo de hackeamento do poder no meio artístico. A exposição deriva dele como um projeto que tenta pensar a produção de artistas entre as várias gerações de mulheres, desde uma Rosana Paulino com uma carreira consolidada, conhecida internacionalmente, até outras muitas jovens que estão chegando e encontrando um mercado mais preparado para absorver novas narrativas”, explica a curadora.

A exposição reúne 12 obras, entre pinturas, foto-performance, fotografia e instalação, de 12 artistas (negras, trans e/ou periféricas) que, na grande maioria, se debruçam sobre seu próprio corpo/vivência para pensar as questões contemporâneas. *“O visitante será convidado a pensar na multiplicidade do que é ser mulher com todas as suas urgências, necessidades e lacunas a serem preenchidas. O objetivo é justamente mostrar o que a vivência e o olhar dessas mulheres estão trazendo*



Priscila Rooxo

Foto: Mario Grisolli

de novo para a gente pensar a sociedade hoje”, conta Carollina.

Um dos destaques é *“Suporte Caro”* (2022), obra inédita da artista Priscilla Rooxo, que busca evidenciar o uso de materiais tidos como “nobres” por artistas jovens e periféricos, criticando a predileção por materiais “inferiores” (como papelão e resíduos) a eles muitas vezes designada. Num gesto tão simples quanto potente, a artista elabora imagens de mulheres trabalhadoras sobre linho, referenciando as presenças femininas fortes e fundamentais em seu cotidiano – como sua mãe, suas tias e amigas.



Panmela Castro.
Amor eterno
Foto: Divulgação

Panmela Castro também apresenta um novo trabalho: a instalação *“Amor Eterno”*, parte da série *“Mulheres Negras Não Recebem Flores”* (2024). A obra, uma coleção de flores secas guardadas em potiches de vidro, é mais uma das criações da artista que fala sobre sua incansável busca pelo afeto. *“O título da série se refere às teorias relacionadas a ‘Solidão da Mulher Negra’ de autoras como Ana Claudia Lemos Pacheco, Claudete Alves da Silva Souza, Bell Hooks, além da frase original de Gabriela Moura, que viralizou nas redes tempos atrás.”*, explica Panmela.

A ancestralidade africana serve de base para o trabalho da artista Alafumin, que apresenta *“Renasci quando me fiz sol”* (2022), na qual reflete sobre o processo de autotransformação diante das adversidades da vida. *“Tornar-se sol é aceitar a grandiosidade e a força do próprio ser e acolher as próprias limitações, para então renascer diante dos desafios que atravessam a existência”*, diz. Já a artista paraense Arcasi, se debruça em suas origens através da obra *“Gira”*, um ritual de criação de si e de práticas de memória e liberdade.

Alafumin
Foto: Mario Grisolli

Natural de Goiás, Sallisa Rosa apresenta a obra fotográfica *“Resistência”*, criada a partir de uma pesquisa, iniciada em 2017, em que fotografa facões de familiares e conhecidos (sempre no ambiente rural) e depois cola as fotos pelas ruas da cidade como lambe-lambes. *“O facão é um símbolo de resistência e sobrevivência popular. Abre caminhos nas matas, colhe e ajuda o trabalho rural, mas também pode ser usado para ferir.”*, explica.





Sallisa Rosa

Foto: Cortesia da artista e A Gentil Carioca

O encontro da arte com a música se dá através de *"Celebração é Magia"* (2023), obra da artista Roberta Holiday, em que retrata corpos celebrando suas existências independentemente de onde estão: num baile funk, roda de samba, churrasco com a família ou conversando no portão de casa. *"A liberdade que a música propaga também compõe essa ritualidade."*, reflete Roberta.

As questões de gênero e transexualidade estão representadas em diversas obras. A artista trans Élle de Bernardini traz a obra *"A Professora de Piano"* (2022), uma alusão ao filme homônimo, de Michael Haneke, em que a personagem principal faz uma série de mutilações nas regiões genitais, revelando seu desespero pela destruição da própria feminilidade na qual se sente presa. *"São questões psicanalíticas da construção dos sujeitos. Fala desse corpo moderno/contemporâneo, fruto de uma série de intervenções das mais simples, até as mais complexas"*, diz.

Com *"Justiça"* (2022), a também artista Vulcânica Pokaropa dá sequência à série *"Intercessão"*, na qual faz releituras de imagens católicas, desta vez, através dos querubins, transicionando o nome para kuirubins ou queenrubins. Já Alice Yura apresenta a obra *"O Louco"* (2022), associada à ideia de um ser vagante ou de um ideal masculino que se perdeu ou está se perdendo.



Roberta Holiday

Foto: Mario Grisolli

A artista travesti Agrippina R. Manhattan apresenta a obra *"O paraíso fica em São Gonçalo"*, pintura em tela que homenageia o lugar onde nasceu e foi criada, profetizando o dia em que o mar voltará a encontrar a cidade, localizada no interior do Rio de Janeiro. O único autorretrato da exposição é de Marcela Cantuária,



Vulcânica Pokaropa Foto: Mario Grisolli



Elle de Bernardini
Foto: Galeria Portas Vilaseca



Agrippina R. Manhattan

Foto: Mario Grisolli

artista carioca, conhecida por abordar narrativas de enfrentamentos à sociedade estruturada no machismo e na misoginia.

Durante o período da exposição, a NAMI realizará encontros de um clube de leitura do livro "*Hackeando o Poder*", nos quais serão discutidos capítulos com algumas autoras. Essa iniciativa visa ampliar o acesso ao livro e promover um aprofundamento nas questões sobre arte e direitos das mulheres.

SOBRE A REDE NAMI

A Rede NAMI é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo o uso da arte como veículo de transformação social. Seus projetos promovem os direitos das mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência. A organização, criada em 2010 por Panmela Castro, realiza um trabalho de base, buscando estimular as potencialidades de liderança de grupos marginalizados pela sociedade em diversos âmbitos, alinhando-se diretamente a três dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU para construir um mundo menos desigual e mais sustentável.

SERVIÇO

Hackeando o Poder

Até 30 de junho

Museu da República do Rio de Janeiro

Rua do Catete, 153, Catete, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 17h;

sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h

Entrada franca

Alice Yura

Foto: Divulgação



Topografia da Memória, de Sallisa Rosa, viaja para a Pinacoteca de São Paulo

Topografia da Memória é uma instalação de cerâmica imersiva em grande escala. São mais de 100 peças de cerâmica feitas à mão, produzidas a partir de barro coletado, criando um ambiente a ser explorado pelo público. A obra foi comissionada pela Audemars Piguet Contemporary, cuja equipe curatorial trabalhou em estreita colaboração com o curador convidado Thiago de Paula Souza para apoiar a visão de Sallisa e o desenvolvimento do projeto. A instalação – que permanecerá na Pinacoteca até 28 de julho – é a maior obra inteiramente em cerâmica produzida pela artista

Foto: Cortesia da artista e Audemars Piguet





Foto: Cortesia da artista e Audemars Piguet

Topografia da Memória marca a primeira vez que a Audemars Piguet Contemporary traz uma de suas obras comissionadas para o Brasil. Antes de viajar para São Paulo, a obra foi inaugurada na Rotunda do Collins Park, em Miami, durante a Art Basel Miami Beach em dezembro de 2023. Essa foi a primeira vez que a artista fez uma exposição individual nos Estados Unidos. A mostra na Pinacoteca coincide com a SP-Arte, que acontece de 3 a 7 de abril.

Com *Topografia da Memória*, Sallisa Rosa (nascida em Goiânia em 1986) criou uma paisagem imersiva que convida o público à contemplação e a um encontro físico com a matéria. Fazendo referência às flutuações do nosso ambiente natural, a obra modular evoluiu desde sua primeira versão em Miami para ativar o espaço singular da recém-inaugurada ala da Pinacoteca dedicada à arte contemporânea: a Pina Contemporânea.

Instalada em uma galeria com grandes janelas, a instalação incorpora a luz natural e vistas da paisagem circundante, conectando as cerâmicas à terra e aos elementos dos quais foram feitas. As esculturas no chão têm a forma de estalagmites e lembram uma caverna, enquanto as esculturas penduradas no teto são esféricas, com sua disposição lembrando um planetário, abraçando simbolicamente tanto o mundo subterrâneo quanto o cosmos infinito.

Compostas de barro coletado à mão na área metropolitana do Rio de Janeiro (onde a artista morou), cada escultura foi queimada a 800 graus Celsius em um forno a lenha situado em uma vala subterrânea, proporcionando uma materialidade precisa que se conecta diretamente à terra. O processo de Sallisa convida os visitantes a reconsiderar sua relação com a memória, a terra e o ambiente como locais de cultura e identidades.

Como muitos brasileiros de sua geração, Sallisa enfrenta desafios e incertezas ao tentar compreender sua própria ancestralidade. A progressiva perda de memória de sua avó, uma figura central na união dos fios que

tecem sua história familiar fragmentada, é uma das principais inspirações de *Topografia da Memória*. Com este trabalho, a artista explora formas coletivas de recordação, estabelecendo uma conexão entre a erosão da terra e a erosão da memória. Seu uso de barro coletado, que valoriza o saber tradicional e preserva métodos de trabalho não industriais, desempenha um papel fundamental em sua produção, pois ela acredita que a cerâmica tem a capacidade simbólica de armazenar a memória e nos ajudar a recordar.

A Audemars Piguet Contemporary trabalhou em estreita colaboração com o curador independente Thiago de Paula Souza na realização de *Topografia da Memória*, apoiando Sallisa na evolução de sua prática artística. Thiago, que é originalmente de São Paulo e atualmente vive em Gotemburgo, fez a curadoria de várias exposições internacionais e traz um extenso conhecimento do cenário da arte contemporânea brasileira. Sua colaboração com a Audemars Piguet Contemporary no comissionamento de uma obra de Sallisa Rosa destaca a missão contínua do programa de apoiar artistas em várias etapas de suas carreiras, em diferentes áreas de pesquisa, especialização e produção artística, incentivando o diálogo com os públicos globais.

SOBRE SALLISA ROSA

Sallisa Rosa (1986, Goiânia, Brasil) vive atualmente em Amsterdã para participar de uma residência artística na Rijksakademie. Teve sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2021. Seu trabalho foi incluído em exposições coletivas na

SNAP, em Xangai (2023); no *Visual Arts Center*, no Texas (2022); no *Théâtre de L'Usine*, em Genebra (2022); na *Royal Academy of Arts*, em Londres (2021); no Paço das Artes, em São Paulo (2021); na Frestas – Trienal de Artes, em Sorocaba (2020/21); na *Anyaaand Andrew Shiva Gallery*, em Nova York (2020); no Museu de Arte do Rio, (2020, 2017); no Museu de Arte de São Paulo (2022, 2020, 2019); no CCBB no Rio de Janeiro (2019) e na Bienal de Barro de Caruaru (2019); entre outros. Rosa foi indicada ao Prêmio PIPA (2022, 2020) e é uma beneficiária do Prêmio Seed do Fundo Príncipe Claus (2021).

SERVIÇO

Topografia da Memória – Sallisa Rosa

Até 28 de julho

Pinacoteca de São Paulo – Edifício Pina Contemporânea

Av. Tiradentes, 273, Luz, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3335-4990

Dias/Horários: De quarta a segunda, das 10h às 18h

Classificação indicativa: Livre

Foto: Cortesia da artista e Audemars Piguet





Manabu Mabe, *Canção ao amanhecer*

Foto: Divulgação

"A REALIDADE MÁXIMA DAS COISAS"

*Na Galeria Frente, SP, exposição coletiva reúne obras
de 11 celebrados artistas nipo-brasileiros*

Com aproximadamente 70 obras, a mostra tem curadoria de Jacob Klintowitz e celebra a arte de onze artistas que deixaram o Japão e aqui notabilizaram os seus trabalhos. Jorge Mori, Flávio Shiró, Kazuo Wakabayashi, Manabu Mabe, Megumi Yuasa, Takashi Fukushima, Tikashi Fukushima, Tomie Ohtake, Tomoshige Kusuno, Yutaka Toyota e Tsugouharu Foujita compõem o elenco da exposição com obras que retratam a forma como dialogaram com o Novo Mundo.

“De que maneira os artistas oriundos do Japão responderam ao desafio de um país solar como o Brasil?”, questiona o curador, ao afirmar que “a arte produzida por eles pode ser definida como a realidade máxima das coisas, uma arte que contribuiu muito para o amadurecimento da arte brasileira”.

Em seu texto curatorial, Jacob Klintowitz lembra que *“os artistas celebrados na exposição foram formados numa cultura milenar, onde o silêncio está presente e a linguagem é, ela própria, um novo ser no mundo. Nessa cultura, a arte não quer nos convencer de nada; pretende somente oferecer uma experiência perceptiva (...). Ao entrarem em contato com a cultura solar, experimentam a vivência brasileira da plena luz. O mundo em que a criação é a expressão máxima. E, nesse contato com o Novo Mundo, em que o futuro está sempre presente, em que o tempo representa o sonho da liberdade, do prazer e da felicidade, esses mestres artistas elaboram, cada um à sua maneira, o diálogo visual com esse espaço no qual o tempo se prolonga ao infinito”.*

AS OBRAS

Um dos destaques da mostra – e em celebração ao seu centésimo aniversário – são as 14 obras de Manabu Mabe (1924-1997). Entre elas, um óleo sobre tela de 1994 que retrata uma aventura no espaço, uma intervenção no imaginário espacial, e uma referência à sensibilidade humana.

“Por vezes, quase sentimos o artista respirar. O seu delicado pincel percorre a tela como uma anotação do sentimento. Os elementos dialogam entre si, mas o diálogo maior se dá entre a respiração, o gesto e a criação”, afirma Klintowitz.



Manabu Mabe, obra Nº 213

Foto: Divulgação

Assim como Mabe, Yutaka Toyota (1931) reflete sobre a energia e o espaço em seus trabalhos. Dele, o curador destaca *“Espaço Negativo, escultura onde o artista assinala vetores de energia, uma conversa com o invisível”.*



Yutaka Toyota, *Espaço Negativo*

Foto: Luan Torres, Galeria Frente

Com seis pinturas sobre tela, Tomie Ohtake (1913-2015) é a única representante feminina na mostra. O curador ressalta uma tela de 1968 *“na qual nota-se a relação da forma e gestos rigorosamente elaborados pela artista que explora suas espacialidades de modo preciso”*.



Tomie Ohtake, *Sem título*

Foto: Luan Torres, Galeria Frente

“Nú deitado”, obra de T. Foujita, artista que esteve “temporariamente” no Brasil na década de 1930, período em que se relacionou com Manuel Bandeira, Candido Portinari e Emiliano Di Cavalcanti, também compõe a exposição. *“Trata-se de um precioso desenho cuja figura feminina é representativa do seu percurso”* pontua Klintowitz.

Segundo Acacio Lisboa, fundador da Galeria Frente, *“A realidade máxima das coisas’ é uma exposição que promove uma reflexão sobre a importância da cultura nipo-brasileira. Nessa mostra homenageamos legados estéticos de relevância, com consistência histórica e um valor inestimável para a cultura artística nacional e internacional”*.

SERVIÇO

A realidade máxima das coisas

Até 1º de junho

Galeria Frente

R. Dr. Melo Alves, 400, Cerqueira César, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3064-7575

Dias/Horários: segunda à sexta das 10h às 18h

Sábado das 10h às 14h. Fecha aos domingos e feriados

A NATUREZA DE CADA UM

Sob a curadoria de Christiane Laclau, no Arquivo Contemporâneo, em Ipanema, RJ, coletiva traça um panorama de como a natureza é sentida, imaginada e reverberada na atualidade, a partir da produção de oito artistas que, por meio de linguagens e técnicas distintas, respondem à pergunta: qual é a sua natureza?



A natureza está no centro dos debates contemporâneos. As questões climáticas e ecológicas nos pedem um olhar transformado para os recursos naturais, a fauna e a flora. Como a arte reage a essa urgência? Um caminho possível é redimensionar a escala planetária para a individual e ensaiar estratégias sobre a subjetividade.

ARTISTAS E OBRAS

Andréa Lins cria um jardim particular imaginário, enquanto renova a tradição do azulejo. Suas colagens inventam seres híbridos – árvores e monstros – em cores quentes que remetem às altas temperaturas dos sertões.

Nas paisagens de Esther Bonder há uma operação intensa entre cores e camadas de luz, como um convite para dentro de seus traços



Esther Bonder, *Rio Touro Morto*

Foto: Divulgação

que tensionam uma agitação própria em cada vegetação, anunciando inquietações internas.

Alice e Gabi, as Irmãs Gelli, tomam o branco do algodão como pigmento. Enquanto matéria, a maleabilidade, a textura e a trama, entre curvas e linhas, evocam trocas e encontros.

As pinturas sensoriais de Alberto Saraiva mesclam diálogos com a história da arte e paisagens naturais. Convivem Van Gogh e pitangueiras. O resultado é um estado onírico, sugestivo de outras realidades possíveis.

A fertilidade e a origem da vida são tratadas por Marina Ribas, cuja pesquisa dedica-se à iconicidade do ovo e ao simbolismo do endométrio. As densas camadas monocromáticas, do branco ao cru, plasmam um ar convulsivo de vida em formação.

Já os desenhos de Maria Gabriela Rodrigues, artista de traços arrojados, sugerem associações entre as formas de pássaros e peixes. Lado a lado, recordam a reciprocidade cíclica de um servir como alimento ao outro.



Alberto Saraiva, *Peregum*

Foto: Vicente de Mello

Para André Sheik, a natureza humana pode ser a condição de mutação. Sua obra traz pequenos objetos que soam como joias, mas são feitos de barro. São pintados com tinta originada de rochas que nascem do encontro da água doce com a salgada.

“Na diversidade da prática desses artistas encontramos um panorama de como a natureza é sentida, imaginada e reverberada pela produção contemporânea. Habitualmente pensada como uma mesma para todos, a exposição mostra que a natureza é uma experiência única, de cada um”, reflete Christiane Laclau.

SERVIÇO

A Natureza de Cada Um

Até 24 de abril

Arquivo Contemporâneo

Rua Redentor, 147, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 10h às 14h

“O
MÁGICO
DE N’OZ”
na
Danielian
Galeria,
RJ

Elizabeth Adela Forbes,
Sem título, não datado
Foto: Divulgação



Uma “aventura sensorial” a partir de 100 obras de mais de 50 artistas, de diversas épocas e movimentos – que representam a casa, o lar, a rotina, o aconchego, memórias, e depois o turbilhão que leva ao sonho, ao onírico, à descoberta e ao desconhecimento – é a proposta que o curador Fernando Mota faz ao público na mostra inspirada clássico de L. Frank Baum, “O Mágico de Oz” (1900)

A mostra ocupa toda a casa principal da Danielian Galeria, o térreo do pavilhão anexo, e parte de seu segundo andar. Ao citar a famosa frase da menina Dorothy, personagem-chave do autor – *“não há melhor lugar do que a nossa casa”* – Mota pergunta: *“por que, então, escolhemos sair de casa, ansiamos por visitar outras casas, desbravar novos mundos?”* Ao propor uma releitura artística do clássico literário por meio de uma linguagem curatorial baseada na alegoria, na metáfora e no simbolismo, ele indaga: *“o que nos fascina e nos comove a ponto de irmos além do arco-*

íris no nosso quintal? Não seria o momento de descobrir “o que há de mágico em cada um de nós?”

Duas obras foram feitas especialmente para a exposição: *“Contato”* (2024), de Wagner Malta Tavares, uma projeção de luz verde no elevador panorâmico da galeria; e *“Sem título”* (2024), de Francis Petrucci e Victor Hugo

Nelly Gutmacher, *A Dama*, não datado

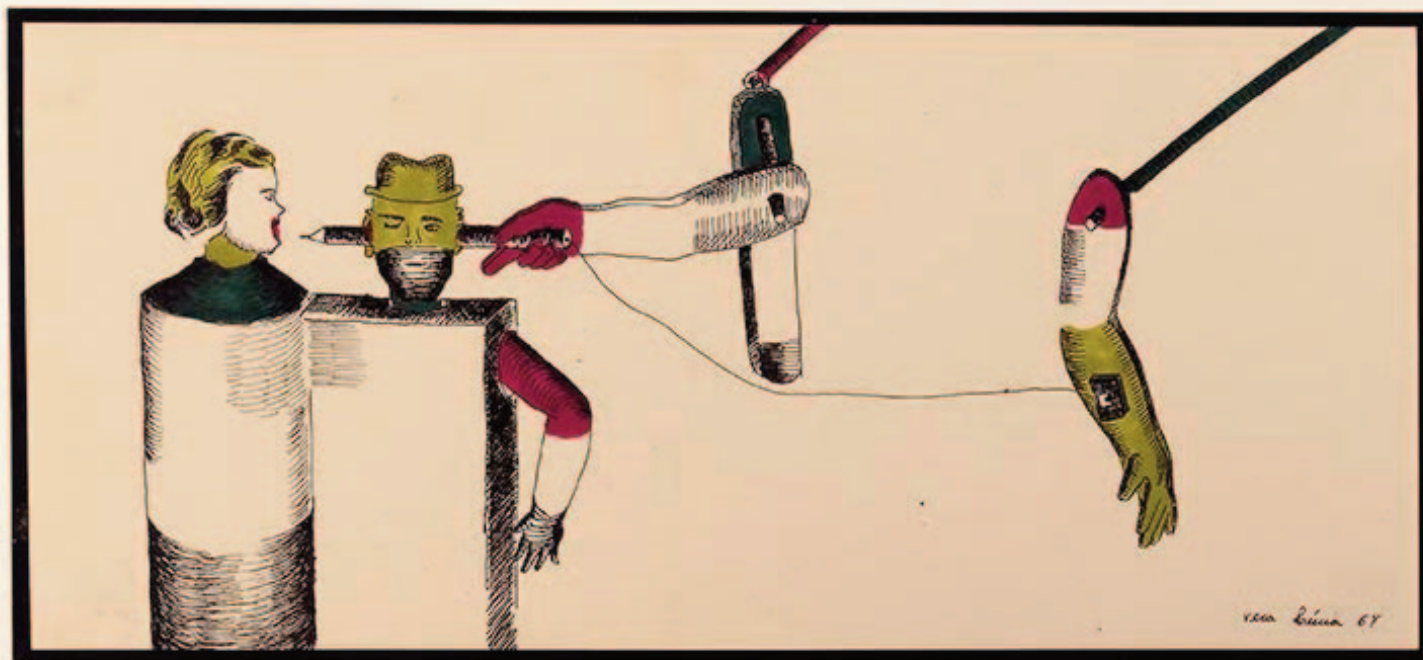
Foto: Divulgação



Rosina Becker do Valle, *A Floresta*, 1967

Foto: Divulgação





Vera Lucia, *Sem título*, 1967

Foto: Divulgação

Mattos, uma escultura de parede com 100 placas de cerâmica “bordada” por vários materiais, com 29 x 21 cm cada. As outras obras, de várias épocas, são oriundas de ateliês de artistas e coleções privadas – desde o par de faisões, de cerca de 1800, da Companhia das Índias, trabalhos acadêmicos, até contemporâneos.

A EXPOSIÇÃO

O percurso da exposição, que começa na casa principal e continua no pavilhão anexo – Oz, a Cidade das Esmeraldas – *“apresenta uma série de conceitos advindos da história original, como pertencimento, esperança, desilusão, generosidade, farsa, superação, medo, entre outras grandezas e falhas humanas. A trilha dourada rumo à cidade das esmeraldas e a importância do percurso, da jornada, o valor do trabalho em equipe, num momento em que apenas a chegada e os resultados são celebrados”*, adianta o curador.

“As riquezas das diferenças dos povos, refletidas na variedade de cores e reinos ao longo da narrativa, são uma das possibilidades de análise... O objetivo é provocar o visitante a cogitar algumas delas. A exposição é uma aventura sensorial, serve como um tornado empurrando cada um para fora da monotonia e da palidez de sua “casa”, um balão colorido rumo ao desconhecido”, afirma. A expografia tem elementos cenográficos, como cortinas orientando a visitação e recursos teatrais na iluminação.

CASA – LAR

A casa principal abriga as obras que representam a ideia mesmo de casa, em toda sua abrangência: a intimidade, móveis e objetos, e paisagens, vistas bucólicas da natureza. No térreo, destacam-se a sala menor, fechada por uma cortina, com dois trabalhos em vídeo: no centro do espaço, a instalação *“Fogo sobre lago”*,



Ai Weiwei, *Fairytale Chairs*, 2007

Foto: Divulgação

de Anna Costa e Silva, uma projeção de imagens sobre um aquário com água. E, na parede, *“O Barqueiro”* (2009), de Wagner Malta Tavares, com 8’50 de duração.

Na sala maior, imagens de nuvens no díptico *“Still”* (2007), de Marcelo Moscheta, em grafite sobre PVC expandido, medindo quase 5 metros de extensão por 1,20 metro de altura, ocupam uma das paredes. Em um dos cantos, encontra-se a escultura *“Lâmina 3”* (2007), de Nuno Ramos, uma lágrima, em vidro temperado, vidro soprado, aço inoxidável e vaselina líquida, com 2,20 metros de altura por 2,25 metros de largura.

No segundo andar, em *“Éter”*, trabalho interativo de Anna Costa e Silva, o público pode se deitar e escutar, em fones de ouvido, histórias resultantes de performances da artista com voluntários, em uma série iniciada em 2015, onde ela investiga o estado de vulnerabilidade que antecede o sono. Uma pintura feita este ano, em óleo sobre tela, de Ana Elisa Egreja, com a imagem de almofadas empilhadas sobre um sofá, compõe o ambiente.

AI WEIWEI, NATUREZAS MORTAS E PAISAGENS

Duas cadeiras da série *“Fairytale Chairs”* (cadeiras de conto de fadas, de 2007), de Ai Weiwei,⁹ encontram-se neste piso, assim como trabalhos de paisagens e naturezas mortas de Cícero Dias, Eliseu Visconti, Pedro Alexandrino, Elizabeth Adela Forbes Gustavo Dall’ara, Georg Grimm, Antonio Parreiras, Nicolau Facchinetti, Cândido Portinari e Glauco Rodrigues, entre outros.

Na casa principal, *Sem Título*, 1937, e *“Avage d’ Or”*, 1913, ambas de Helios Seelinger; *“Florão com figura de anjo”*, de Mestre Valentim; *“Oratório”* (séc. 18, Dom João V); e *“Leão”*, de Mudinho (Manuel Ribeiro da Costa). No espaço que liga o segundo andar da casa principal ao pavilhão anexo, *“Tamagotchi Balé”* (2023), de Anna Costa e Silva, um vídeo em HD com 29 minutos de duração.

OZ – A CIDADE DAS ESMERALDAS

O pavilhão anexo da galeria, com 200 metros quadrados e pé direito de 4,5 metros, abriga as obras de

caráter onírico, o mundo dos sonhos e fantasias. O átrio que liga a casa principal ao pavilhão anexo é inundado por uma luz verde, proveniente do elevador panorâmico, no trabalho *“Contato”* (2024), de Wagner Malta Tavares, feito especialmente para a exposição. Para realçar a transição da ideia de casa/realidade para a do universo do sonho, como o caminho de tijolos amarelos que leva à cidade de Oz, o público precisa atravessar uma cortina para conseguir ver as obras deste espaço.

Dentre os artistas com obras na exposição, estão Ai Weiwei, Ernesto Neto, Antonio Dias, Tunga, Wagner Malta Tavares, Anna Costa e Silva, Angelo Venosa, José Rezende, Nuno Ramos, Marcelo Moscheta,

Cícero Dias, Flávio de Carvalho, Montez Magno, Maria Leontina, Nelly Gutmacher, Ana Mazzei, Ana Elisa Egreja, Zé Carlos Garcia, e a dupla Francis Petrucci e Victor Hugo Mattos.

SERVIÇO

“O Mágico de N’Oz”

Até 11 de maio

Danielian Galeria

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, de 11h às 19h
sábados, de 11h às 17h

Tels.: (21) 2522-4796 / (21) 98802-8627

contato@danielian.com.br

<https://www.danielian.com.br/>

Entrada gratuita



Antonio Dias, *Desert*, 1968

Foto: Divulgação



Ernesto Neto

Foto: Divulgação



PEGADAS DA GÁVEA

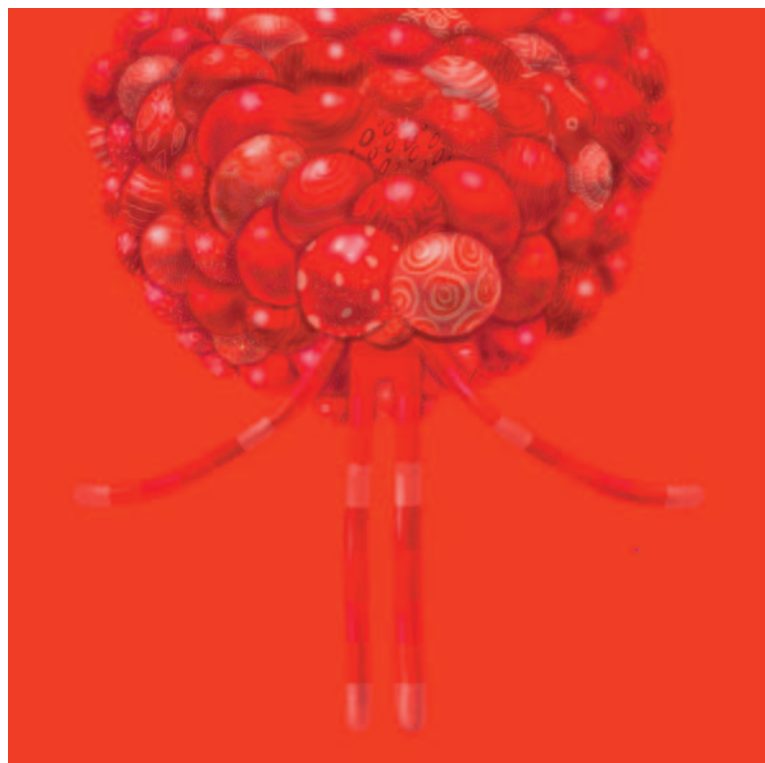
Edição de Outono acontece de 26 A 28 de abril

Cinco ruas de um dos mais prestigiados bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro compõem o circuito do Pegadas da Gávea, iniciativa que privilegia sustentabilidade, economia criativa, arte e bem-estar, reunindo dezenas de marcas, inúmeros talentos, ações sociais e diversas atrações.

Nascido em novembro passado, quando recebeu oito mil visitantes, o circuito Pegadas da Gávea anuncia algumas surpresas para a sua edição de outono. Uma delas é levar o Planetário para a Praça Santos Dumont (dia 27, sábado das 13h às 16h), onde será possível observar o céu e também confeccionar relógios de sol, em oficinas para crianças e jovens. Outra boa nova é a participação dos instrumentistas da Escola de Música da Rocinha, que farão duas apresentações gratuitas: às 16 horas de sábado, dia 27, e às 15 horas do domingo, dia 28.

Na sexta, dia 26, o primeiro dia do Pegadas, acontecem dois grandes momentos: a inauguração da exposição “*Harmonias Cromáticas*”, de Toz Viana, na Galeria Movimento, com uma série de *fine arts*, produzidas a partir das obras que o artista apresentou no Museu de Arte Contemporânea – MAC, no ano passado; e a oportunidade de presenciar, ao vivo, o trabalho de Billi

Gebara, também um dos mais prestigiados nomes da arte urbana do Rio de Janeiro. Em 2018, Billi levou, do “*Arte Rua*” para a Gávea (Praça Santos Dumont), uma de suas esculturas mais famosas, da série Cubotopia, que virou ícone do bairro. O artista adianta que fará uma “atualização” na peça.



Toz Viana, série inédita de *fine arts* monocromáticas do *Vendedor de Alegria*

Foto: Divulgação



Obra de Billi Gebara na Gávea

Foto: Divulgação

A participação efetiva da Galeria Movimento, assim como da Danielian Galeria, no Pegadas da Gávea é comemorada pela idealizadora da iniciativa, Luiza Ernica Lontra: – *Nosso objetivo é agregar todos os setores do Baixo Gávea no circuito e proporcionar, aos moradores e visitantes, uma celebração dos diversos segmentos que compõem o universo do bairro. E as galerias de arte são um dos pilares mais representativos* – afirma.

Outro momento artístico importante será a exibição de uma releitura do *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, realizada pelos alunos do Colégio Municipal Manoel Cícero. A obra, que aproxima as crianças da comunidade à arte tão prestigiada no bairro, é resultado da primeira edição do Pegadas, em novembro do ano passado. Na ocasião, os organizadores motivaram os alunos a produzir uma obra, tendo como ponto de partida as “pegadas” do *Abaporu*. A pintura – uma tela com três metros – ficará em exposição na Rua dos Oitis, 46, durante o circuito. E a ideia é exibi-la também em outros locais, para que se torne conhecida e, futura-

mente, possa ser leiloada, com o valor revertido em doação para a escola.



Abaporu pelos alunos do Colégio Municipal Manoel Cícero

Foto: Divulgação

PEGADAS COM ESTILO

No segmento moda, Tati Magalhães, da Casa dos Oitis, e Antonia Oliveira, da Casa de Antonia, irão promover um DESFILE SEMI-ESTÁTICO na badalada Rua dos Oitis, onde estão localizadas as duas lojas: manequins com looks das marcas e cinco modelos darão vida às roupas,



Pré-desfile. Casa de Antonia e Casa dos Oitis

numa dinâmica singular de vestir-se. E tem mais: pelas ruas do bairro, pernaltas com modelos da Blummea, marca das sócias Luiza Ernica Lontra e Natália Seabra, que usa exclusivamente matérias-primas de origem não animal, produzidas com alta tecnologia e modelagem exclusiva.

O Pegadas da Gávea é uma iniciativa que trabalha em sintonia com práticas ESG (ambientais, sociais e de governança corporativa), para preservar o espaço público e integrar a comunidade. O objetivo é oferecer uma experiência cultural única, que celebre a criatividade e a inovação em diversas áreas. Os visitantes poderão participar de uma jornada imersiva, que inclui visitas às marcas e ONGs participantes, além de workshops, miniaulas, música ao vivo, arte e cultura.



Fotos: Divulgação

— *Trata-se de um ritual coletivo de troca de experiências* — diz a idealizadora e coordenadora do Pegadas, Luiza Ernica Lontra. — *Na verdade, é muito mais do que a oportunidade de passear pelo bairro e aproveitar tudo que ele oferece: bem-estar, moda e estilo, arte, decoração e gastronomia. O circuito é bem mais do que um showroom da economia criativa da Gávea; traz, no seu DNA, a proposição de uma maior convivência com a vizinhança, de respeitar e admirar talentos, habilidades, causas e afetos do bairro* — explica Luiza.

A proposta agregadora de Luiza Ernica Lontra vem dando frutos. Um dos exemplos mais interessantes é o da gestora cultural de inovação Liliana Magalhães, CEO da SOMOS Cultura, Educação e Comunicação. Liliana voltou a morar na Gávea e conta que foi imediatamente

capturada pela primeira edição do evento, em novembro último.

– O que era para ser uma caminhada costumeira nos arredores da Praça Santos Dumont, num sábado qualquer, aos poucos se tornou numa aventura especial e instigante. Segui umas pegadas divertidas, impressas no chão das ruas, e descobri toda uma produção de segmentos criativos, instalados em um “baixo Gávea” de ruas arborizadas, com um clima displicentemente bucólico e perfeito para a caminhada. Apreendi, conheci muitas coisas e muita gente, inclusive a turma que estava por trás da iniciativa. Brilho nos olhos, alegria e foco em causas sociais, ambientais e culturais marcaram a empreendedora, os colaboradores e os participantes do agito – revela Liliana, que hoje é uma das colaboradoras da iniciativa.

A DINÂMICA DO PEGADAS

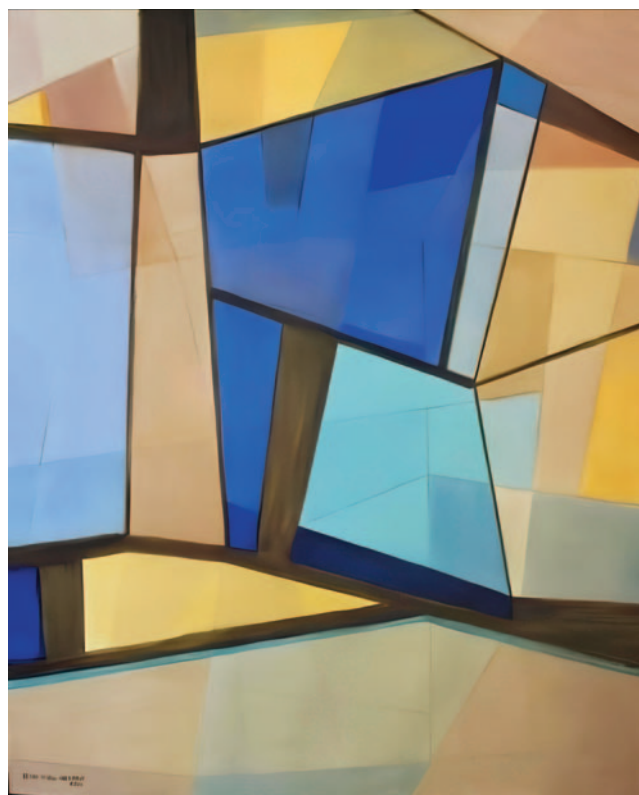
Cinco trilhas compõem o Pegadas: Vestir, Decorar, Bem-Estar, Arte e Gastronomia. Em cada uma delas, jovens estudantes universitários serão os guias do circuito: vão orientar os visitantes, para que possam desfrutar de toda a programação, que inclui também atividades que serão realizadas nos espaços das marcas e ONGs participantes – que vão de música ao vivo a workshops.

O ponto de partida é a Praça Santos Dumont, onde as pessoas receberão um mapa e uma cartela (de Papel Semente) com indicações das marcas parceiras. A cada visita a um dos espaços indicados, o portador da cartela

ganhará um carimbo. Quanto mais carimbos obtiver, maiores serão as chances de participar de sorteios, entre os quais um fim de semana, com acompanhante, no Hotel Búzios Espiritualidade.

A GRUTA

A casa de número 46 da Rua dos Oitis abrigará uma série de marcas aliadas, de segmentos diversos dos parceiros oficiais do Pegadas. No espaço, que os organizadores batizaram de *Gruta*, também haverá produtos, serviços, palestras e exposições, uma das quais do Galpão das Artes Urbanas da Comlurb, parceiro de primeira hora do Pegadas, com obras criadas a partir de resíduos descartados. No mesmo endereço será exibida obra – *Azul* (2003, óleo sobre tela, 1,25 x 1,00m) da pintora Myrian Freeman, de 94 anos, moradora do bairro e que será homenageada pelos organizadores do circuito.



Myrian Freeman, *Azul*
Foto: Divulgação

CURADORIA

Luiza Ernica Lontra, CEO do circuito, é uma jovem empresária que trabalha com o propósito de conectar pessoas ao universo empreendedor, ao provocar trocas significativas como as que realizou quando atuou no grupo SOMA, onde conheceu Natália Seabra, hoje sua sócia. Juntas criaram a *Blummea*, uma marca de moda sustentável, que valoriza matérias-primas de origem não animal.

PARCEIROS DO PEGADAS

Acãopanhantes – Ammart – Arte em Flores – Bella Art – Billi Gebara – Blummea – Brewteco – Brewz – Casa de Antonia – Casa dos Oitis – Colégio Manoel Cícero –

Da Danny – Danielian Galeria – Ecosimple – Enaira Alchini – Escola de Música da Rocinha – Galeria Movimento – Galpão Das Artes da Comlurb – Hotel Espiritualidade Búzios – Lattoog – Leve Brigaderia – Lu Sotto – Menos 1 Lixo – Myriam – Namah – Os Indefesos – Papel Craft – Papel Semente – Planetário – Rio Radical – Proa – Shop Meggy – SOMOS Cultura – Tramadas – Viert – Yoga One.

CIRCUITO DO PEGADAS

Praça Santos Dumont, Rua das Acácias, Rua dos Oitis, ruas José R. M. Soares e Major Rubens Vaz.

De sexta, 26, a domingo, 28 de abril



QUE PAÍS É ESTE?

A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, 1964-1985

No contexto dos 60 anos do golpe militar, IMS Paulista inaugura exposição do cineasta e fotógrafo Jorge Bodanzky, com obras produzidas durante a ditadura.

A mostra reúne pela primeira vez fotografias, reportagens de TV, filmes super-8 e cenas dos principais filmes dirigidos pelo cineasta durante a ditadura militar brasileira.

Iracema: uma transa amazônica, Terceiro milênio e Gitirana são alguns exemplos.

As obras tratam de temas que permanecem atuais, como a violência no campo, a destruição ambiental e a luta dos movimentos sociais

Autorretrato de Jorge Bodanzky, Ulm, Alemanha, c.1966

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles



Fotógrafo, repórter e cineasta, Jorge Bodanzky (1942) é autor de ampla produção visual, dedicada a investigar a cultura popular e os conflitos do país. Ao longo de sua carreira, percorreu o Brasil para registrar histórias, personagens e lutas sociais, principalmente as que aconteciam fora dos centros urbanos. Durante o período da ditadura militar, viajou sobretudo para as regiões Norte e Nordeste, retratando a violência no campo e a devastação ambiental causadas pelas políticas desenvolvimentistas dos governos autoritários. Enfrentando a censura e a falta de financiamento nacional, concebeu obras que questionavam a ideia do progresso propagandeada pela ditadura e mostravam a realidade do país, além de tensionarem os limites entre o documentário e a ficção.

A curadoria é de Thyago Nogueira, coordenador do departamento de fotografia contemporânea do IMS, com assistência de Horrana de Kássia Santoz e pesquisa de Ângelo Manjabosco e Mariana Baumgaertner.

Nascido em São Paulo em 1942, Bodanzky é filho de austríacos, que imigraram para o Brasil fugindo da perseguição nazista. Em 1964, ingressou na faculdade de arquitetura da Universidade de Brasília, onde conviveu com intelectuais e profissionais da fotografia e do cinema. Com o cerco da ditadura militar, em 1966, seguiu para a Alemanha, onde estudou na famosa Escola de Design de Ulm, sob orientação do cineasta Alexander Kluge. Em 1968, retornou ao Brasil e passou a fotografar para as revistas Manchete e Realidade,



Incêndio em ônibus, MG, c. 1970 Foto: Acervo Instituto Moreira Salles



Próximo a Londrina, c.1970

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles



Romeiros e comerciantes em torno da recém-inaugurada estátua de Padre Cícero, Juazeiro do Norte, CE, novembro de 1969



Jorge Bodanzky filmando o *Mito do Divino* com Hermano Penna, São Luiz do Paraitinga, SP. 1968

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles

entre outras. Fez direção de fotografia para clássicos do cinema brasileiro, dirigidos por Maurice Capovilla, João Batista de Andrade e José Agrippino de Paula. Em 1971, estreou como diretor de cinema com o média-metragem *Caminhos de Valdez* (1971), codirigido com Hermano Penna. Nos anos seguintes, realizou inúmeros filmes.

A exposição no IMS apresenta o período em que Bodanzky consolidou sua linguagem visual, atuando na fotografia, na televisão e no cinema. No centro da exposição, quatro grandes telas de projeção exibem cenas dos principais filmes do cineasta feitos no

período. As projeções criam diálogos entre as cenas para mostrar temas comuns, como as formas de exploração do trabalho, as lutas e resistências, a religiosidade e espiritualidade populares, e as distintas visões de progresso. Cada projeção tem cerca de 25 minutos.

O artista inovou o cinema brasileiro ao trabalhar com equipes pequenas, câmera na mão, som direto e poucos recursos. *“Em parte de sua obra, Bodanzky usou a ficção para realçar as contradições reais da sociedade e valeu-se de atores não profissionais para dar autenticidade à realidade cinematográfica. O despoja-*

mento da produção permitia construir a contraimagem do discurso oficial, evitando a atenção dos militares”, afirma o curador Thyago Nogueira.

Entre os títulos incluídos, está *Iracema: uma transa amazônica* (1974), codireção de Orlando Senna, obra mais conhecida e premiada de Bodanzky. O longa-metragem narra a história de uma jovem mulher indígena, forçada à prostituição, e um caminhoneiro gaúcho, que vê na recém-construída rodovia Transamazônica sua

chance de enriquecer. Para expor a violência do projeto desenvolvimentista da ditadura militar na Amazônia, sem atrair a atenção, a equipe de filmagem estacionava sua Kombi, improvisava a cena e corria. Apesar do grande sucesso internacional, o longa permaneceu censurado no Brasil até 1981.

São exibidas também cenas de *Gitirana* (1975), dirigido com Orlando Senna. O roteiro do filme se desenvolve a partir de várias histórias de cordel, todas entrelaçadas

Jorge Bodanzky e o repórter Karl Brugger entrevistam Judith Malina e Julian Beck, criadores do *Living Theater*, detidos em Ouro Preto, MG. O grupo fora acusado de subversão e porte de entorpecentes. Bodanzky e Brugger fizeram reportagem para aTV alemã. A prisão gerou comoção internacional, mobilizando personalidades como John Lennon, Yoko Ono, Susan Sontag e Bob Dylan, que assinaram manifesto endereçado ao presidente da República, general Emílio Médici. O affair internacional levou à soltura dos integrantes e sua expulsão do país. MG. 1971

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles





Vista aérea da região central de São Paulo, c. 1970

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles



Às margens da rodovia Rio-Bahia (BR-116), c. 1970

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles



Calouros desfilam pela avenida W3 em trote organizado por veteranos da Universidade de Brasília, DF, 13.03.1965

Foto: Acervo Instituto Moreira Salles

pela mesma personagem, cuja vida sofre uma drástica transformação ao ser forçada a deixar sua terra devido à construção da barragem em Sobradinho, na Bahia.

Um dos filmes mais duros de Bodanzky, feito no ano da redemocratização, *Igreja dos oprimidos* (1985), codireção de Helena Salem, denuncia a violência no campo através da atuação da Igreja Católica progressista e da Teologia da Libertação na luta por reforma agrária em Conceição do Araguaia (PA).

Em *Terceiro milênio* (1980), Bodanzky acompanha o senador amazonense Evandro Carreira em uma viagem pelo rio Solimões durante sua campanha pelo governo do estado. Em diálogo com a estética do *roadmovie*, o filme, dirigido em parceria com Wolf Gauer, registra o deslocamento do político e sua interação com madeireiros, ribeirinhos e indígenas ao longo do percurso.

A seleção inclui ainda o longa de ficção *Os Mucker* (1978), baseado em revolta histórica ocorrida no Rio Grande do Sul, *Jari* (1979), documentário dirigido com Wolf Gauer, que denuncia a destruição da Amazônia e a precarização dos trabalhadores no empreendimento do empresário americano Daniel Ludwig, e o média *Caminhos de Valderez* (1971), primeiro filme de Bodanzky.

Além das quatro telas de projeção, a mostra exhibe trechos de filmes em que Bodanzky colaborou como diretor de fotografia, formando sua maneira de filmar e encarar o cinema, entre eles *Hitler IIIº mundo* (1968), de José Agrippino de Paula, *Compasso de espera* (1973), de An-

tunes Filho, e *O profeta da fome* (1970), de Maurice Capovilla. Outro núcleo importante da mostra traz reportagens e programas institucionais feitos por Bodanzky para a tevê alemã, pouco conhecidos no Brasil.

Muitos de seus filmes super-8 também são apresentados pela primeira vez na exposição. Mudos e com rolos de curta duração, os super-8 eram usados na prospecção de locações e no exercício livre da linguagem fotográfica. A exposição reúne, por fim, entrevistas recentes com Bodanzky, as atrizes Edna de Cássia, do filme *Iracema*, e Valderez, de *Caminhos de Valderez*, além de análises de críticos como Claudia Mesquita, professora da UFMG, e do cineasta e historiador Joel Zito Araújo.

Jorge Bodanzky comenta a exposição e o caráter político da produção apresentada: *“Dizer que estou feliz com esta exposição é muito pouco. É realmente incrível a possibilidade de poder mostrar ao público meus arquivos de filmes, fotografias, vídeos e super-8 simul-*

taneamente. Isso só foi possível porque, ao tempo em que eu filmava, ia fotografando e registrando para mim, como numa espécie de caderno de notas, todas as experiências vividas, os fatos observados. Passados tantos anos, fica nítido que esse vasto material compõe um todo, uma parte iluminando a outra e formando um conjunto único, orgânico.” Sobre o período contemplado na mostra, o artista também afirma: *“Escolher o período da ditadura militar é igualmente oportuno, pois sem uma leitura lúcida do passado, que talvez a exposição provoque, não conseguiremos vislumbrar um futuro democrático e livre para o nosso país.”*

SERVIÇO

Que país é este? A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, 1964-1985

Até 28 de julho

IMS Paulista – 6º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2842-9120

Dias/Horários: terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita



Festa de largo,
Bahia. c.1970

Foto: Acervo Instituto
Moreira Salles

CONVOCATORIA ABIERTA INTERNACIONAL **INTERNATIONAL OPEN CALL**

TOWARDS / RUMBO A **BIENALSUR 2025**

FROM MARCH 4TH TO APRIL 8TH 2024 / DEL 4 DE MARZO AL 8 DE ABRIL 2024

**B I E
N A L**

UNTREF

UNIVERSIDAD NACIONAL

WWW.BIENALSUR.ORG



UNTREF